

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

<p>Significativa anomalia</p> <p>—————</p> <p>IDÉAS E FACTOS</p> <p>—————</p> <p>Politica de Instrucção Pública.</p> <p>O nacionalismo e o ensino primario.</p> <p><i>Antenor Nascentes</i> . . . Vantagens da orthographia portugueza na escola primaria.</p> <p><i>Moreira Guimarães</i> . . . Importancia das escolas primarias.</p> <p>Notas de historia patria</p> <p>O principe dos nosos abolicionistas.</p>	<p>—————</p> <p>—————</p> <p>—————</p> <p>Coema <i>Hemeterio</i> . . .</p> <p>C. P.</p> <p>I. A</p>	<p>Bibliographia.</p> <p>Correspondencia.</p> <p>Expediente.</p> <p>A ESCOLA</p> <p>Periodo simples e composto. Coordenação e subordinação.</p> <p>Noção geral de cellula e suas modificações. Seres uni e pluricellulares. Os vegetaes</p> <p>ESCOLA NORMAL</p> <p>Geographia</p> <p>LIÇÕES E EXERCICIOS</p>
---	---	---

SIGNIFICATIVA ANOMALIA

A campanha, desde algum tempo promovida, para o combate ao analphabetismo, como a melhor fórma de commemorar o primeiro centenario da nossa independencia politica, veio offerecer ensejo para uma curiosa observação sobre o que é a instrucção official na nossa terra.

Como é sabido, afim de facilitar a alphabetisação de quantos não têm podido frequentar as escolas primarias municipaes, tanto diurnas, como nocturnas, foram creados cursos extraordinarios, organisados e mantidos pela boa vontade do professorado. E' claro que esses cursos extraordinarios não se moldam pelas linhas rigidadas dos cursos officiaes. Nelles os alumnos seguem programmas especiaes, cuja elaboraçao não obedeceu ás normas costumeiras da nossa burocracia pedagogica.

Entretanto, a despeito da carencia do bafejo official, taes programmas não teem dado máo resultado, pelo menos nas escolas nocturnas.

De outra fórma não poderá ser interpretado um facto, que já deveria ter merecido a attenção da suprema direcção da nossa instrucção municipal, e é a preferencia dos alumnos das escolas nocturnas, pelos cursos extraordinarios, nellas existentes.

Ora, é deveras curioso que cursos para

alphabetisação de retardados, funcionando na mesma escola, ás mesmas horas e com o mesmo pessoal docente, não sejam indifferentemente escolhidos pelos alumnos, e antes, manifeste-se, da parte destes, uma notavel preferencia, exactamente pelos cursos extraordinarios, cuja frequencia é elevada, emquanto que os officiaes são escassamente procurados. E' fóra de duvida que tal preferencia só encontra explicação nos programmas officiaes, que assim têm a sua mais eloquente condemnação, em prova pratica onde, certamente, não intervem a parcialidade de juizes suspeitos.

A anomalia a que nos referimos é altamente significativa, e põe em fóco, de um modo bem frisante o que é nossa organisação official de instrucção publica.

Até agora, quem testemunhasse o espectáculo desolador da deserção dos alumnos das escolas nocturnas, poderia perder-se em conjecturas variando desde a incapacidade ou falta de zelo do pessoal docente, até ás más condições de installação material ou de localisação das escolas.

Agora, porém, está fóra de discussão que o mal não vem do professorado nem das escola em que elle leciona.

O mal é dos programmas, emfim, da organisação que o poder official dá as coisas de instrucção publica.

I - IDÉAS E FACTOS

POLITICA DE INSTRUCCÃO PUBLICA

XII

O ensino da Historia

O estudo dos diversos acontecimentos, que culminaram no episodio do Ypiranga, de verá ser sempre filiado á mudança da séde da monarchia portugueza para o Brasil, sob a ameaça da investida das tropas de Junot sobre Lisbôa, mudança que, convem assignalar, não imoportava em alvitre novo, suggerido pelo terror infundido pelas tropas napoleonicas, pois, cabe a primazia da idéa ao padre Antonio Vieira, quando por tal fórma se lembrara de assegurar, desde os seus primeiros dias, o throno bragantino, ao romperem-se os laços originados da fusão das duas corôas ibericas.

A idéa da transplantação da monarchia portugueza para a sua colonia americana, surge, pois, sempre enxercendo os intuitos do abandono de Portugal aos seus destinos e da creação de um novo imperio na america meridional, onde a nação portugueza se desenvolvesse e progredisse; taes eram de facto, os corollarios immediatos do projecto formulado no seculo 17, como meio de alcançar a emancipação do jugo castelhano, e executado nos primeiros dias do seculo 19, como o recurso extremo para escapar ás consequencias da absorpção napoleonica.

Foi por isso que a corôa portugueza, buscando asylo no Brasil, nas dolorosas circunstancias em que abandonara a capital da sua metropole, annunciou, em manifesto ás potencias, que ella iria levantar "a sua voz do seio do novo imperio que ia crear."

Ao deixar o cáes de Lisbôa, o principe regente, depois rei D. João VI, certamente alimentava muito poucas esperanças de voltar a patria de seus maiores, e talvez nem mesmo nutrisse muitos desejos a tal respei-

to, supposição de sobejo legitimada pelas suas vacillações em regressar a Portugal, quando as circunstancias politicas o puzeram na contingencia de escolher entre os dois ramos da grande monarchia portugueza.

Póde-se, pois, afirmar que o exodo da corte portugueza para o Brasil, importou, por si só, na emancipação politica da nossa patria. Desde então o Brasil deixara de ser a colonia, cuja vida economica se reduzia ás funcções exclusivas de abastecedora da metropole, para se transformar em potencia soberana, com vida propria, embora politicamente ligada a Portugal por laços praticamente desvirtuados do seu primitivo character.

Taes laços poderiam se definir theoreticamente num estatuto federal ou em qualquer especie de pacto de união entre Portugal e o Brasil, mas, praticamente, "pondo de parte as ficções do convencionalismo legal", uma vez erigido o Brasil em séde da monarchia portugueza, — para o que se fazia indispensavel libertar o seu commercio, desafogar a sua industria, desenvolver a instrucção publica e dotal-o com um conveniente aparelhamento administrativo proprio, — seria impossivel recolonisal-o.

O Brasil e Portugal, desde então seriam fatalmente, duas potencias, autonomas, unidas ou separadas, mas perfeitamente distinctas.

A conservação da união ou a separação obedeceriam ás condições que regulam as ligas e separação de estados soberanos.

Por isso a independencia do Brasil se caracteriza como a simples ruptura de um laço de união com Portugal e não como um verdadeiro movimento de emancipação contra uma metropole.

E' que a metropole já não existia.

Haviamos deixado de ser colonia desde que a corte portugueza se asylo em nossas plagas.

MAPPIN & WEBB Ltd.
100, Ouvidor
RIO DE JANEIRO

JOALHERIA
Prataria, «Prata Princeza»
Objectos de arte etc.

O NACIONALISMO E O ENSINO PRIMARIO

O artigo, que, sob o titulo acima, inserimos em nosso numero de Dezembro ultimo, mereceu alguns reparos de Junior, em sua "Chronica do ensino", publicada no Jornal do Brsail em 15 de Março corrente.

O illustre collaborador do jornal do Brasil, que representou o estado do Amazonas na Conferencia Interestadual de Ensino Primario, mais uma vez veio sustentar opiniões formuladas naquelle congresso, onde foi o unico voto contrario ás conclusões relativas á nacionalisação do ensino primario.

"A Escola Primaria", não tomou parte nas sessões da Conferencia Interestadual em que taes conclusões foram discutidas e votadas; d'ahi talvez o illustre collaborador do Jornal do Brasil, não conhecer exactamente o nosso modo de pensar sobre a questão.

O nosso nacionalismo não "explode contra o portuguez que tem a mesma religião, os mesmos habitos, a mesma lingua" e que, reconhecemos, "em hypothese alguma póde ser uma ameaça a nossa nacionalidade".

Si, para o Brasil, "o estrangeiro" se resumisse no "portuguez cujo sangue pulsa em nossas veias em uma quantidade maior que o do negro e do aborigene, os tres elementos ethnographicos da nossa raça", certamente não haveria necessidade das medidas preconizadas pela Conferencia Interestadual, com o fito de assegurar a nacionalisação do nosso ensino primario.

E' que o portuguez não representa perigo algum para a nossa nacionalidade; delle nada temos a recear, com effeito, pela conservação da nossa raça, pois, embora o povo brasileiro ainda não se tenha caldeado em um typo ethnico definido, o sangue portuguez ainda é o elemento preponderante da mestiçagem ternaria de que elle se originou; igualmente, não temos a recear do portuguez propositos de compressão, economica ou de absorpção politica e nem mesmo os intuitos de uma caricatura do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, disfarçado sob a phantasia de uma confederação politica das duas republicas irmãs.

Si, porém, o poruguez não constitue perigo algum para a nossa nacionalisação "outro tanto não acontece com os allemães de Santa Catharina", por exemplo, os quaes como muito bem observa Junior em sua apreciada "Chronica", a que nos referimos, "constituem um bloco germanico, isolado no nosso meio".

Não é, pois, muito radical a divergencia de

opiniões, sobre o assumpto, entre "A Escola Primaria" e o illustre collaborador do "Jornal do Brasil".

Concordamos no reconhecimento da inocuidade do imigrante portuguez, mas concordamos tambem não serem igualmente inocuos todos os demais elementos estrangeiros localizados em nosso paiz, principalmente os que constituem blocos estranhos, "isolados no nosso meio".

A nossa divergencia versa, pois, unicamente, sobre os meios adequados para remedear a uma situação reconhecida e incontestavel.

Consideramos, para tal fim, medida de legitima defesa da nacionalidade a exclusão do estrangeiro do exercicio do magisterjo primario, e isso porque nos parece que a educação da nossa gente, não deve ser abandonada a cuidados de estranhos.

O illustre chronista do Jornal do Brasil, acha que o nosso paiz "não tem autoridade moral para impedir que os estrangeiros ensinem a lingua, a historia e a geographia patria", porque a sua "historia ainda tem os seus melhores prescutadores em estrangeiros illustres, cuja lingua herdamos, dos nossos primeiros colonisadores", e porque entre nós "ainda se navega pelas cartas de Mouchez.

Não percebemos o cabimento desses argumentos.

Não comprehendemos qual seria o motivo da diminuição da nossa autoridade moral para reagirmos contra a absorpção germanica, por exemplo, pela circumstancia, — aliás muito possivel de controversia, — de serem portuguezes os melhores prescutadores da nossa historia.

O uso corrente, que fazemos das cartas nauticas de Mouchez, tambem em nada póde contribuir para a diminuição de nossa autoridade moral como nação soberana. E si assim não fosse, a Inglaterra, a primeira dentre as potencias maritimas dos nossos dias tambem se diminuiria de sua autoridade moral, para ser considerada como nação com direito a defender as suas prerogativas, pois, que, faz editar pelo seu Almirantado, para o uso de suas frotas, essas mesmas cartas de Mouchez, de que, nós tambem tanto usamos.

E mais ainda. O Almirantado Britanico não aproveita para a compilação das suas justamente conceituadas cartas nauticas, unicamente os trabalhos hydrographicos do illustre almirante francez, que tão cuidadosamente estudou as costas brasileiras. O Almirantado Britanico tambem aproveita na confecção de suas cartas os levantamentos hydrographicos de Vital de Oliveira, Calheiras da Graça, e outros brasileiros, cujos nomes figuram com o do illustre Mouchez entre os benemeritos hydrographos das nossas costas.

VANTAGENS DA ORTOGRAFIA PORTUGUEZA NA ESCOLA PRIMARIA

A orthographia portugueza tem sofrido no nosso meio muita repulsa: espirito conservador, preguiça de aprender cojsas novas, nacionalismo, falsa erudição, tudo isto tem conspirado contra uma idéa grandiosa cujo maior defeito é não ter sido realizada aqui, embora daqui tivesse partido.

As coisas parecjam ter tomado outro rumo quando em boa hora um director da instrucção permitiu que se ensinasse pelo sistema simplificado, mas creio que foi um ligeiro fogo de palha, pois, nunca mais tive informação alguma sôbre os progressos de tal sistema nas escolas do Districto.

Entretanto, que grande vantagem resultaria da adopção dêle!

Para não citar senão duas, vou aludir á leitura e ao ditado.

A questão do *ch*, duro ou chiente. A reforma aboliu o *ch* duro, substituindo-o por *c* diante de *a*, *o* e *u*, e *qu* consoante *por* diante de *e* e *dei*: *calcosina*, *coéfora*, *clorose*, *crónica*, *quetópodo*, *arquivo*. Deixou de haver dúvidas; todo *ch* que aparecer é chiente. Professores e de grande intrução já me tem perguntado se se deve dizer *calaza* ou *chalaza*, *chenopódio* ou *quenopódio*. Se até professores duvidam, como querer então que só os alunos tenham certeza?

O *r* e o *s* intervocálicos. O *r* intervocálico tem o som fraco, o *s* intervocálico tem o som de *z*, ensina dogmáticamente a professora. O aluno encontra as palavras *prerrogativa*, *unísono*, applica o que aprende e erra; fica espantado, mas, *magistra dixit*, repete as palavras com a correcção feita e prepara-se para as futuras excepções que possa ter a regra. Não é mais coerente escrever logo *prerrogativa*, como fazem os espanhóis, e *unísono*?

Outra fonte de dúvidas é a pronúncia do *u* no grupo com *q*: *equivoco* soa *ekívoco* e *equidistante*, com *u* tremado, deixa sentir a vogal. Acabam-se as dúvidas.

O *n* seguido de *h* tem o som molhado; apparecem as palavras *anhelo*, *inherente*, *inhábil* *inhospito* e o aluno naturalmente lê conforme aprende. O mesmo não se daria se êle encontrasse logo *anelo*, *inerente*, *inábil*, *inospito*.

Não há letras mudas; de modo que, quando se encontra *mnemônica* já se sabe que o *m* se pronuncia, quando se encontra *convicto* já se sabe que o *c* soa.

Em sentido de acentuação tónica é patente a

grande vantagem da notação obrigatória dos proparoxítonos. Hoje procede-se arbitrariamente. Uns o empregam em palavras pouco comuns, como *época* por exemplo, outros para distinguir homógrafos como *duvida* e *dúvida*, *previa* e *prévia*, outros empregam á vontade; enfim, ninguém se entende.

Com a acentuação obrigatória ninguém mais terá hesitação em palavras como *decano*, *avaro*, *caracteres*, *Dario*, *imbecil*, *opimo*, *perito*, *rubrica*, *geodesia*, *hipódromo* *Pégaso*.

Mesmo tratando-se de proparoxítonos e oxítonos, as regras portuguezas são úteis, evitando, erros como *réfens* em vez de *refens*, *nóvel* em vez de *novel*, etc. Ainda não encontrei aluno que não lesse a frase de Alencar na *Iracema*: *O pé grácil e nu*, sem dar ao primeiro daqueles adjectivos a acentuação oxítona.

Na escrita ainda melhor ressaltam as vantagens.

Como se ensina o ditado a uma criança que ignora completamente o gergo e o latim? Por um processo empírico puramente. A professora dita, o aluno escreve como bem lhe parece, ella corrige os erros e o aluno tomará ou não tomará nota das correcções. Depois de um trabalho insano de parte a parte, o aluno acaba aprendendo que *física* se escreve com *ph* e não *f* como seria logico que fosse (cada fonema deve ser representado por um símbolo, é esse o ideal da grafia e sempre foj), que o primeiro som *i* é com *y* e não com *i*, que o som de *z* é com *s* e não com *z*.

Que esforço de memória para reter tudo isto! Como se podia ter aproveitado melhor este esforço.

Os alunos ás vezes, na ánsia de acertar, coitados!, encrevem certos disparates, que nos fazem chegar o riso aos lábios. Como é a palavra *Hipólito*? Com dois *pp*? O *y* é junto ao *h* como em *hypotheses*? Tudo isto porque, para não vacillar na grafia usual, é preciso saber que é com dois *pp* porque *Hipólito* quer dizer o que deve ser despedaçado pelos *cavalos* em grego é *hippos* com *pi* dobrado, que o *y* não é junto ao *h* porque *hippos* se escreve com *iota* e o verbo *lyo* é que se escreve com *y*.

O *h*, que aliás por uma transigência foi conservado quando inicial, origina muitos erros.

Para quê escrever *ch*, *th*, *rh*, quando, ao contrário do *lh*, e do *nh*, a segunda letra não indica alteração alguma na primeira?

Para quê escrever *ph* se além do *h* não influir, o *p* não tem seu som próprio? Ainda me lembro, parece incrível, da dificuldade com que, ha uns trinta anos, em pleno regimen da soletração, tive de comprehender este absurdo: *p-h-*

IMPORTANCIA DAS ESCOLAS PRIMARIAS

Não me lembra quem o disse... Mas, sobre ser bem conhecido, não vale o conceito nenhuma novidade. Toda a gente sabe: *instruir é construir*.

Ha, entretanto, instruir e instruir...

Instruir para instruir, é desenvolver apenas a intelligencia. Esclarece. Mas não forma o coração, nem o character.

De sorte que é muito pouco instruir para instruir. Se as claridades do espirito não se fazem influenciar, beneficemente, no campo do sentimento, e vontade, que significam essas claridades, no correr da vida, quando tudo depende da vontade e do sentimento? A demais, quantas vezes não se revelam sem nobreza de coração e abulicos, verdadeiramente abulicos, individuos de vasta cultura intellectual!

E' que o só instruir, não resolve o problema. Não é tudo a instrucção. Assim que, não basta, instruir. Instruir para educar, instruir educando, ou instruir e educar, eis a questão.

Já no seculo XVII era aconselhado por Frederico Herbert na sua *Pedagogia Geral* o principio do ensinamento educativo pela instrucção.

A' educação, porém, como a comprehender o mesmo Platão, deixa de ser esse ensinamento educativo. Nem toda a antiguidade havia sobre a especie o conceito, que é hoje victorioso. Dar ao corpo e ao espirito a belleza e a força de que são capazes, esse era o proposito da educação, consoante as idéas do philosopho e de toda a Grecia.

A transição grega ignorou o ponto de vista moral.

E a transição romana tambem esteve na ignorancia deses ponto de vista moral.

A primeira se preocupou, antes de mais nada, da intelligencia. A segunda, das qualidades do character. As virtudes do coração se aprimoraram com a terceira transição, a chamada transição christã.

o-s-fos p-h-o-fo-r-o-ro — *fósforo*. E' verdade que hoje os processos são outros, mas mesmo assim êsses processos só teriam que lucrar.

Desapareceu o *y* e com razão; só pôde empregar certo *y* quem sabe grego e a criança tomara saber o seu portuguez, quanto mais a lingua da Hêladê. Estancou-se outra causa de erros.

Antes de *b*, *m*, só se escreve *m*, diz a regra. Vem a palavra *circumferencia*, a criança applica a regra e erra.

Para que a regra então? Conservemo-la, mas, acabemos com excepções.

Não há consoantes dobradas senão quando se sentem efectivamente dois sons. Desaparece outra fonte de incertezas.

Letras que não soam geralmente não se escrevem; de modo que *sinal* não tem *g*, *aluno* não tem *m*, *assunto* não tem *p*.

Fixou-se a grafia dos ditongos *ai*, *au*, *eu*, de modo que não hesita mais entre *vae* e *vai*, *pao* e *pau*, *chapêu* e *chapéo*.

Revedo ainda hoje ditados, que no tempo de crianças (aos nove annos) eu fazia sem dar um erro, fico admirado da realidade dos factos, nem posso explicar como êle se dava. Que canseira não me daria então gravar na cabeça todas as bizantinices da tal grafia usual!

Em suma, creio que os ligeiros pontos indicados bastam para mostrar a veracidade do título dêste artigo.

Quando nos convenceremos de que numa época em que tudo se democratiza, a grafia não pôde ser privilégio de uma minoria reduzidíssima que sabe grego e latim, quando nos convercemos das facilidades que preparamos para os nossos descendentes, neste dia então o nosso amor á rotina, a nossa preguiça de aprender cousas novas, o nosso egoismo, o nosso nacionalismo serão os primeiros a propor a adopção da orthographia simplificada, cujo peor defeito é ter surgido em outras terras.

ANTENOR NASCENTES.

(Prof. cath. do Collegio Pedro II).

CASA DAS NOVIDADES

LUVARIA GOMES

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéus para meninas e senhoras.

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10 %

38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38

Ao cabo das duas transições grega e romana, quando já se está na idade-media, verifica-se, apreciando-se de um lado, a instrução, e, do outro lado, a educação, que nesse periodo em que se desenvolveram os sentimentos humanos, especialmente a bondade, — occorrem o que Bunge revela, no seu livro *La educacion*, por estas palavras: “Resumindo esta compleja dualidad podria decir-se que pretendiendo instruir sin educar, *educó sin instruir*”. E’ a obra da idade media: educar, sem instruir. E educou, não no sentido em que Gustavo Le Bon emprega a palavra educação: “a simples transformação do consciente no inconsciente”. Educou, criando o preconceito do bem. Foi um caminhar para a frente; um progresso.

Mas, nem uma, nem outra coisa, isoladamente.

Nem instruir sem educar, nem educar sem instruir. O de que se carece é de instruir educando, ou de educar instruindo.

E’ a formação da creatura humana, sob o seu triplice aspecto: moral, physico e intellectual. Resulta dos esforços d’antiguidade e da idade media. E as soluções parciaes ou unilateraes do problema, não representam a solução desse problema.

Em interessante conferencia effectuada no *Instituto Psycho-physiologico*, em França, aos 27 de margo de 1903, ponderava C. A. Sairant: “E’tant donné un être humain venu au monde, développer harmoniensement toutes ses facultés, de manière à porter au maximum sou activité, dans une direction utile á lui-même et á ses semblables”. E aqui a educação, na sua mesma significação etymologica. Porque o que desse vocabulo ensinam os dictionarios, não é muito differnte do pensamento de Laisant no seu pequeno volume *L’education*. Apenas Laisante desce a

pormenores, que não cabem nesses dictionarios.

Seja como fôr, a escola primaria é a família — formando o coração, o caracter e o intelligencia da creatura humana. Precisa de programma, é certo. Os seus primôres, poré, ou as suas excellencias, dependem, menos desses programmas, a importancia das escolas primarias, todo o seu do que dos professores.

E’ a família, entre a patria e a família propriamente dita ou o lar, e isso põe de manifesto valor na cidade e em todas as cidades.

Não tem duvida, disse-me das escolas primarias de um paiz, e vos direi dos sentimentos, da vontade, do mesmo fulgor de espirito dos cidadãos desse paiz.

Moreira Guimarães.

NOTAS DA HISTORIA PATRIA

O principe dos nossos abolicionistas

Em o numero de Janeiro ultimo desta revista e sob o titulo supra, publicou o nosso prestimoso e erudito collaborador, o Sr. Dr. Pedro Pinto, desenvolvida memoria, na qual, referindo-se a Hippolyto da Costa, diz ser possivel ter elle escripto algo que lhe assegure o direito de figurar entre os abolicionistas.

A proposito trouxe-nos o professor F. Cabrita um exemplar do *Catalogo da Bibliotheca da Escola Normal*, abrangendo a 1.^a secção, relativa á Historia e á Geographia, por S. S. organizado e publicado em 1896, quando director dessa mesma escola. E’ um

folheto, hoje rarissimo, de 96 pgs. + 6 de indice onomastico, que dá noticia, mais ou menos synthetica, de 178 obras em 387 vols. e do qual extractamos o seguinte que diz respeito ao referido Hippolyto da Costa:

“4. — Correio Braziliense ou Armazem Literario. Londres: Impresso por W. Lewis, 1808-22, 29 vols. in-8°.

“Collecção rara e preciosa para a historia d’aquella época. Seu 1.^o n. é de Junho de 1808, e não de 1807, como dizem Innocencio da S.^a no seu *Dicc. Bibliogr.* e o Dr. Teixeira de Mello nas suas *Ephemerides Nac.* Seu redactor foi o Dr. Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, n. na Colonia do Sacramento a 13-8-1774, que em fins de Julho de 1802 foi preso e processado pelo Tribunal da Inquisição como franco-maçom. Depois de 3 annos nos carceres do Santo Officio conseguiu evadir-se, refugiar-se em Londres, onde fundou o *Corr. Braz.*, que, pela sua patriotica e energica attitudo em relação á marcha dos negocios politicos, principalm. em relação ao “Imperio do Brazil” como elle já o denominava em 1808 (vol. I, pg. 57) chamou desde logo a attenção do gov. port. Em 1809 começou o ataque ao *Corr. Braz.* Surgiram diversas publicações periodicas, cada qual mais veheamente (vol. III, pgs. 608-621; vol. IV pgs. 173, 247, 359, etc.). Não conseguindo combatê-lo, tomou o gov. o expedicto partido de prohibir, sob penas severas, a entrada em Portugal e seus domínios, do *Corr. Braz.*, assim como de todos os mais escriptos do seu “furioso e malevolo auctor”. A prohibição foi feita por Decreto de 17-9-1811, transmittida ao Desembargo do Paço por Aviso de 22-3-1812 e renovada por Portaria de 17-6-1817 (vol. XIX, pgs. 3, 64 e 104).

“O Dr. Hippolyto Furtado de Mendonça, cuja vida intellectual foi notavelm. fecunda, f. em Kensington a 11-9-1823, isto é, quatro dias depois do 1.^o anniversario da nossa emancipação politica, para a qual effizazm. concorrera com seu nobre talento de jornalista sagaz e eminente.

“Foi elle o primeiro que, pela imprensa, advogou a causa abolicionista. Sob o tit. *Escravatura no Brazil* lê-se no vol. XXIX (Dez. de 1822) pg. 574:

“Não podemos deixar de louvar todos os procedimentos, que tem havido no Brazil; porque todos elles se têm achado na mais admiravel coincidencia, com as idéas, que

temos annuciado, não sabendo ainda dos planos que no Brasil intentavam seguir. Ha, porém, um ponto sobre que (1) *mais de uma vez temos fallado, em nosso Periodico, dando nisso nossa decidida opinião*; e a respeito do qual observamos que todos os escriptores do Brazil guardam ainda silencio: e he este ponto, a gradual e prudente extincção da escravatura.

He idéa contradictoria querer uma nação ser livre, e se o consegue ser, blazonar em toda a parte, e em todos os tempos da sua liberdade e manter dentro em si a escravatura. Si a sua abolição repentina seria um absurdo rematado, a sua perpetuação num systema de liberdade constitucional he uma contradicção de tal importancia, que uma cousa ou outra deve acabar. Os Brazilienses, portanto, devem escolher entre estas duas alternativas; ou elles nunca hão de ser um povo livre ou hão de resolver-se a não ter com sigo a escravatura.

Não achamos meio termo nesta alternativa, e por isso nos admiramos que depois que a imprensa he livre no Brazil não tenha havido quem examine esta questão.”

“Parece que Hippolyto sonhava um outro 13 de Maio, que não o de 1808, pelo qual em patriotico artigo de felicitações aos brasileiros (vol. I, pg. 393) elle festejára a liberdade do pensamento com a criação e o estabelecimento definitivo da 1.^a officina typogr. no Brazil. Esse novo 13 de Maio, porém, retardou-se de 80 annos: a *Lei Aurea*, o marco notavel da civilização brazileira, só veio em 1888.

“A *Bibl. Nac.* considera o *Corr. Braz.* um dos seus Cimelios (do grego *keimélion*, objecto raro, precioso; joia). No cat. especial (pg. 285 do vol. XI dos seus *Annaes*) confessa faltar-lhe da not. publicação o 29.^o e ultimo vol., accrescentando: “A collecção completa é muito rara”.

“Da coll. que temos presente, apenas ao vol. XIV faltam algumas paginas que mão sacrilega arrancou.”

(1) O grypho é nosso.

—): (—

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos:

O EDUCADOR, Organ do professorado

Todo o genero de artigos

Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

— Para —
Senhoras, Homens, Creanças e para Casa

Especialidade em Uniformes e Enxovaes
para Collegiaes

primario do Estado da Parahyba, numeros XV e XVI do anno I.

O MARUJO, orgam official do Abrigo do Marinheiro, anno II, nº 10.

CLEMENTE QUAGLIO A FESTA DO TRABALHO, ESCOLAS PRIMARIAS BRASILEIRAS. — 13ª publicação da Faculdade de Pedagogia de S. Paulo, Março de 1922.

—): (—

CORRESPONDENCIA

S. C. — Em nosso numero de Agosto de 1921 respondendo a uma consulta feita a esta secção sobre a partilha politica actual da Europa, demos a relação dos Estados e de suas capitães, fazendo indicação do livro "Europa, Asia, Africa, Oceania e America", de D. de Souza Reis; estamos, porém, de accordo com as suas observações relativamente ao estudo da partilha politica da Africa. Em breve publicaremos nesta revista um artigo que, talvez, a satisfaça sobre o assumpto.

Aristoteles Xavier — (Curityba) — Em breve faremos a remessa que nos solicita.

EXPEDIENTE

"A Escola Primária", circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da "Escola Primaria"
Rua Sete de Setembro, 174 — 1º andar.

As collecções dos annos anteriores, de 1916-17, 1917-1918, 1918-1919, 1919-20, 1920-21 e 1921-22, e serão vendidas na mesma redacção ao preço de 15\$000 cada anno, em avulsos, e 18\$000, em volumes encadernados.

Os pedidos de collecções, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000 por collecção annual para o registro postal.

Os numeros avulsos dos annos de 1916, 1917, 1918, 1919, 1920 e 1921, serão vendidos na redacção, pelo preço de 1\$500 cada exemplar.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto tanto as communicacões de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Os Snrs. assignantes, annunciantes e quaesquer pessoas que tenham negocios a tratar com a administração desta revista, poderão, procurar o gerente na redacção das 15 ás 17 horas, nos dias uteis.

A titulo excepcional, concedemos um abatimento de 20 %, durante o corrente anno, aos professores primarios que adquirirem collecções dos annos anteriores desta revista, tanto em avulsos como encadernados.

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

II - A ESCOLA

PERIODO SIMPLES E COMPOSTO — COODERNAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

UMA LIÇÃO NO 5º ANNO

O assumpto da nossa lição de hoje é sobre analyse syntactica.

Veremos primeiramente o que significa, o que quer dizer — *analyse syntactica*.

A palavra "analyse" já todos os meus alumnos devem conhecer á saciedade, pois na classe elementar a encontraram pela primeira vez e, certo a professora da classe teve o cuidado de explical-a.

Mas, recapitulemos:

Analyse significa exame, investigação das partes componentes de um todo.

Syntactica — E' o estudo da formação das oração num periodo. Deduzirão, pois, os meus alumnos que "analyse syntactica" deverá ser simples e intuitiva.

Vamos conversar um pouco sobre os acontecimentos desta manhã.

Que fez você, Paulo?

A — Ao chegar á escola saudei as minhas mestras antigas.

P — E você, Mario?

A — Corri as classes atrasadas para ver as collegas.

P — E a nossa Arlette?,

A — Procurei saber a solução exacta de um problema.

E — Ora, cada um dos meus meninos fez uma cousa diferente.

Escreverei no quadro o que me acabam de contar.

Vêem vocês que essa reunião de palavras representa uma idéa, um pensamento... (Repete as phrases).

Pois bem, a esse conjuncto de palavras exprimindo um pensamento, uma idéa, um juizo, chamamos "periodo, ou proposição".

Eu, durante as minhas aulas, formo centenas de periodos.

Que fiz eu Paulo no fim de cada phrase?

A — Poz um ponto final.

P — Exactamente. Para que tenhamos um periodo é preciso que obedeçamos á pontuação.

Mas teremos periodo sóment e quando ha ponto final? Não.

Desde que a phrase termine em *ponto, ex-*

clamação, reticencia, interrogação, e dois pontos, desde que se diga uma citação teremos o periodo.

Comprehenderam perfeitamente o que aeabo de explicar, e, cada um dos meus alumnos va dar um exemplo de periodo, terminando em dois pontos, seguindo-se uma citação.

(Escreve as phrases). Exactamente. Sinto que a classe conhece bem o periodo e o sabe formar sem embaraços, com presteza e segurança.

Mario, dê-me um periodo.

A — A aula me agrada.

P — Muito bem. Agora Jorge forme um periodo.

A — A chuva cae.

P — Margarida, dê-me u mperiodo referente aos collegas.

A — A turma do curso complementar ouve as lições e as aprende com segurança.

P — Muito bem. Vejo que todos conhecem perfeitamente o "periodo".

Mas observemos agora os diversos periodos que se acham escriptos no quadro negro, quanto aos verbos.

No 1º. e 2º. periodos encontramos apenas um verbo, e no 3º. — 2.

Pois bem, quando o periodo apresenta um unico verbo conjungado elle se diz simples, quando porém, apresenta mais de um verbo conjungado elle se diz composto.

Quadro:

Periodo:

Simple

Composto

Recapitular, pedindo sempre exemplos aos alumnos.

Prosigamos.

Quando o periodo simples assevera e exprime um facto qualquer e é expresso pelo modo indicativo ou condicional, elle se diz "expositivo".

Exemplifiquemos:

"O rei Alberto atravessou a Avenida Central por entre o povo entusiasmado".

Si exprime noção de ordem e mando, e expresso pelo "modo imperativo" elle se diz — "imperativo".

Exemplo: —

Levantae o vosso braço.

Si por ventura exprime permissão, e é expresso pelo modo subjunctivo, elle se diz "optativo".

“Acabemos para todo o sempre com as conversas em aula”.

Quando elle interroga qualquer factó, é chamado “interrogativo”.

“Que dizem de nós por ahí?”

E finalmente quando vem debaixo da fórma interjectiva é chamado “exclamativo”:

“quantas saudades tenho dos bancos escolares!”

Recapitular, pedindo ás creanças exemplos. Passemos agora ao composto.

Vimos que periodo composto é aquelle, em cuja constituição ha mais de um verbo conjugado ou melhor é aquelle que é constituído por duas ou mais proposições simples.

Dê-me Jandyra, um exemplo:

A — Os meninos *cantam*, as professoras *guardam* o material escolar, e a directora *annuncia* a terminação dos trabalhos.

P — Muito bem. Você Henrique, poderá dizer quantas proposições simples ha no periodo dado pela sua collega?

A — Ha tres.

P — Porque sabe você?

A — Porque cada proposição simples tem apenas um verbo.

P — Muito bem.

Dê-me Americo, um outro exemplo.

A — Os meninos que formam o curso complementar desta escola muito se divertem na aula de gymnastica.

E assim a professora fará com que todos os alumnos dêm exemplos.

Prosigamos.

Conhecem e distinguem perfeitamente o periodo simples do composto.

Quando num periodo as proposições são independentes, governam-se, não nascem de nenhuma outra, ou são ligadas por conjuncção de coordenação, — “aprenderem vocês que conjuncção é uma palavra invariavel que liga duas phrases ou palavras” — elle se diz “coordenado”.

No exemplo dado ha pouco pela Jandyra, as proposições são independentes entre si, uma não depende da outra; si tirarmos uma qualquer das proposições, o periodo não perderá o sentido.

*

Veamos:

“Os meninos *cantam*, as professoras *guardam* o material escolar, a directora *annuncia* a terminação dos trabalhos”.

Você, João, tire uma qualque das proposições:

A — As professoras *guardam* o material, etc.

P — Forma sentido o que acaba você de dizer?

P — Forma; as proposições são independentes entre si.

Carlos, um exemplo de periodo composto por coordenação.

A — Acordei, levantei-me, escovei os dentes.

P — Muito bem. E quantas proposições simples ha neste periodo, Pedro?

A — Tres proposições simples.

A — Perfeitamente.

Jorge, dê-me um exemplo de periodo coordenado, ligado apenas por conjuncção coordenativa, que já foram estudadas em aula. Estão lembrados de que dividimos as conjuncções coordenativas... Pedro?

A — Em approximativas, alternativas, adversativas e conclusivas.

P — Quaes são ellas, Candida?

A — E, nem ou, mais, porém, comtudo, todavia, entretanto, logo, pois e portanto.

P — Lembram-se ainda perfeitamente do estudo das conjuncções coordenativas, facil, pois, será, a Jorge dar-me o exemplo pedido.

A — A creança chorou e pediu agua, mas o pae não a attendeu.

P — Certo comprehenderam a explicação; todos já deram exemplos.

Então, as proposições coordenadas podem vir ligadas ou não por conjuncções coordenativas expressas, conforme mostrei nos exemplos dados por vocês.

Dahi concluimos que ellas podem ser, segundo o connectivo:

Syndetica ou asyndetica

Estão no 1º. caso quando são ligadas por conjuncção coordenativa expressa, e no 2º. quando o não estão.

Segunda a natureza:

a) *approximativas* — desde que estejam ligadas por conjuncção approximativa.

b) *Alternativas* — desde que estejam ligadas por conjuncção alternativa.

c) *Adversativas* — desde que estejam ligadas por conjuncção adversativa.

d) *Conclusivas* — desde que estejam ligadas por conjuncção conclusiva.

Pedir exemplos.

P — Estão lembrados dos pronomes relativos?

A — Que, quem, o qual, cujo, onde e muitas vezes, quanto.

P — Em que caso o “quanto” é relativo?

A — Quando vem depois da palavra — tudo.

P — Muito bem. Falámos ha pouco nas conjuncções coordenativas, e, haverá outras conjuncções?

A — As subordinativas.

P — Quaes são Jorge?

A — Que, como, quando, quanto, se.

P — Quando num periodo apparece um pronome relativo ou conjuncção subordinativa, elle é composto por *subordinação*, porque as proposições não são independentes — ha uma — *principal* — da qual dependem as demais.

Dê-me um exemplo, Marilia.

A — Os alumnos que formam o curso complementar desta escola são estudiosos.

P — Outro Carmen.

A — Irei á missa quando o sol desaparecer.

P — Você Martha.

A — Penso que farei exame este anno.

P — Ha um outro caso em que os periodos tambem apparecem subordinados; quando ha *verbo na fórma nominal independente*.

Exemplo (escreve).

“A creança *ouvindo* os conselhos do sacerdote chorou commovida”.

Vêem vocês no exemplo dado, a forma gerundio — ouvindo — a qual subordina o periodo, *por ser fórma nominal independente*.

Interrogar as creanças.

Recapitulando vemos que os elementos de subordinação são: pronomes relativos, conjuncções subordinativas e verbo nas fórmas *nominaes independentes*.

P — por qualquer pronome relativo — chamamos *subordinada relativa*.

Assim: O anel *que* comprei nada vale.

Qual a subordinação Marietta?

A — “*que* comprei”.

P — Esse “*que*” pertence a que cathogoria grammatical, Mario?

A — Aos pronomes relativos.

P — Logo, essa subordinada é relativa.

(Pedir exemplos).

E assim proseguindo, a professora passará ás de conjuncções subordinativas, fazendo com que os alumnos repitam as conjuncções estudadas e as suas diversas classes.

Falará depois nas infinitivas.

Periodo	} Simples	} Coordenação	{ Syndetica
} Subordinação	{ Relativa		
		{ Conjuncional	
			{ Infinitiva

Coema Hemeterio.

NOÇÃO GERAL DE CELLULA E SUAS MODIFICAÇÕES. SERES UNI E PLURI-CELLULARES. OS VEGETAES .

(UMA LIÇÃO NO 3º. ANNO)

Como já vimos, os seres da natureza podem ser divididos em dois grandes grupos: **seres brutos e seres vivos** ou **seres inanimados e seres animados**. Assim, distinguimos perfeitamente uma pedra de uma planta ou de um animal.

Já fizemos o estudo dos seres brutos e vamos agora examinar os seres vivos.

Já observaram vocês que as pessoas cuja vista não é muito boa, usam oculos, isto é, auxiliam a visão com vidros especiaes que as fazem ver melhor; estes vidros se chamam **lentes**.

Pois bem, se olharmos um pedacinho qualquer tirado de um vegetal ou de um animal atravez de um conjunto de lentes aperfeiçoadas — o microscopio — notaremos não mais esta igualdade que se observa á primeira vista, mas uma série de pequenos compartimentos separados uns dos outros por paredes delgadas (mostrar uma gravura ou fazer desenho no quadro negro).

Chamamos a estas pequenas divisões — **cellulas**.

O tamanho das cellulas varia muito, havendo até as que podem ser vistas a olho nú, isto é, sem o auxilio do microscopio, como a **gemma do ovo**.

A cellula contém uma substancia viscosa, dotada de movimentos proprios — o protoplasma. As cellulas mortas não contem mais protoplasma; consistem apenas numa cavidade vasia.

O protoplasma encerra um pequenino corpo, em geral arredondado, chamado **nucleo**.

A parede que envolve as cellulas chama-se **membrana**.

Ha cellulas sem membrana e o proprio nucleo póde faltar, de modo que o protoplasma é a parte principal da cellula.

A organização cellular é caracteristica dos seres vivos, porquanto não a encontramos nos mineraes; só podemos apreciar-a nos vegetaes e nos animaes.

O numero de cellulas de que se compõe um ser vivo varia muito, pois encontramos seres desde os formados por milhões de cellulas até os formados

por uma apenas; isto quer entre os animaes; quer entre os vegetaes. Dividimos então os seres vivos em unicellulares e pluricellulares.

Entre os seres unicellulares alguns vivem dentro de organismos animaes ou vegetaes, podendo ocasionar molestias; são os chamados microbios.

Já sabem então que é a cellula o elemento de todo ser vivo e saberão mais que todo ser vivo por mais complicado que seja no estado adulto, provem de uma cellula.

Nos seres formados por uma unica cellula é ella que executa todo o trabalho para a vida do ser; isto é, ella se alimenta, ella expelle o que não serve, ella se divide para formar outros seres iguaes ao que lhes deu origem.

Mas nos seres pluricellulares, á medida que a cellula inicial se multiplica, vão se formando grupos de cellulas iguaes entre si e diferentes das dos outros grupos, para executarem um certo trabalho — são os chamados tecidos.

Assim, um grupo de cellulas se prepara para executar movimenos, um outro para proteger a superficie do corpo, etc.

Comparando um homem ou um cão com uma arvore, não temos duvida sobre qual delles é o animal ou o vegetal; mas se descermos aos seres menos perfectos, ficaremos em grande embaraço para fazer tal distincção.

Dizemos, por exemplo, que os animaes têm movimento, isto é, que se deslocam de um ponto para outro e têm sensibilidade, isto é, sentem; e pretendemos com isso distinguil-os dos vegetaes.

Mas ha cogumellos (vegetaes portanto) como os bolores, que se movem sobre a superficie em que estão, emquanto que ha animaes, como o coral, que se fixam no logar em que vivem; e, quanto á sensibilidade, conhecemos a sensitiva cujas folhas murcham, fazendo um movimento, ao menor contacto.

O principal caracter entre os que servem para distinguir os animaes dos vegetaes está na membrana das cellulas, porquanto nas cellulas vegetaes se fórma na membrana uma substancia dura — a cellulose — que não existe nas cellulas animaes.

C. P.

5°. *Metaes preciosos*, — ouro, prata, platina.

6°. *Metaes usuas*, — ferro, cobre, mercurio, chumbo, zinco, estanho, manganez, nikel, etc.

Os mineraes do segundo e do terceiro grupos, se encontram em todas as regiões de um e outro hemispherios e os combustiveis e os metaes usuas são mais conhecidos e explorados no hemispherio boreal, emquanto que as pedras e os metaes preciosos apparecem com mais abundancia no hemispherio austral.

E' assim que a America Septentrional (Estados Unidos, Mexico), a Europa (Inglaterra, Allemanha, Belgica, Hespanha, França), da Asia (Turkestão russo, China, Indo-China), são as mais aquinhoadas de combustiveis, como as duas primeiras o são tambem de metaes usuas, emquanto que as pedras e os metaes preciosos são mais encontrados nas terras da America Meridional, Africa, Austral e Australia.

A lei que se poderja concluir desse modo de distribuição dos mineraes comporta não pequeno numero de excepções, dos quaes os mais notaveis são constituídos pelas minas de ouro e de prata da America Septentrional (Alaska, Estados Unidos, Mexico); as jazidas de metaes preciosos na Russia (principalmente as minas de platina); as jazidas de pedras preciosas, na India e na Siberia, etc.

Emquanto que a geographia mineral só empiricamente pôde referir a distribuição dos diferentes mineraes ás diversas zonas em que é dividido o nosso globo, a *biogeographia*, ou o estudo da distribuição dos seres vivos pela superficie da Terra, em qualquer dos seus dois ramos, a *phytogeographia* ou *geographia botanica*, e a *zoogeographia*, ou *geographia dos animaes*, directamente se relaciona á divisão da Terra em zonas geographicas, porque tanto a vida vegetal como a vida animal directamente dependem embora não exclusivamente dos agentes climaticos.

Assim, a vida vegetal, por exemplo, é influenciada pelo conjuncto das condições de meio, determinados não só pelo clima como pela natureza do sólo.

A influencia combinada dos diversos factores que intervem na modificação da vida vegetal se traduz na caracterisação de *typos de vegetação*, onde se grupam "plantas adoptadas por meios diferentes a um conjuncto de condições communs". Esses typos são as *florestas* e os *steppes*, termos extremos de uma serie de classificação entre os quaes se interpõe intermediarios varios, como a *savana* e o *parc*.

Em poucas palavras poderemos caracterisar esses typos de vegetação, aos quaes deve ser ac-

rescentado um outro typo particular: a *vegetação desertica*.

E' assim que a *floresta* se distingue pela arvore, a fórma vegetal nella predominante, como a gramínea é a fórma predominante, nas *steppes*.

A caracterisação dos typos intermediarios, a *savana* e o *parc*, pode ser feita pela existencia de arvores isoladas, no primeiro, e de grupos de arvores disseminadas entre vegetação herbacea no segundo.

Esses diferentes typos de vegetação se encontram nas diversas zonas botanicas em que se divide o nosso globo.

Assim na *zona equatorial* se encontram as grandes florestas da Amazonia, na America Meridional; as florestas da bacia do Congo, na Africa; as florestas de Ceylão, de Malaca e das ilhas da Insulindia, na Asia, as savanas da bacia do Orenoco, na America Meridional, e do Sudão na Africa.

Na *zona tropical* se encontram florestas ao longo das costas do Brasil, em uma parte das Antilhas, no littoral Pacifico do continente sul-americano, na Indja.

A *zona sub-tropical*, caracterizada pela lorangeira e pelo louro* e outros representantes da vegetação do typo chamado mediterraneo, apresenta regiões florestaes na China, na Nova Zelandia, nos Estados Unidos, na Argentina, no Chile, etc.

A *zona temperada quente*, caracterizada pelas arvores de folhas persistentes e pela vinha, offerece um notavel predominio do typo florestal.

A *zona temperada fria* definida pelo carvalho e pela faia, assignalada pela linha do limite do desenvolvimento da faia, apresenta grandes florestas e regiões de steppes, as quaes se estendem até a *zona sub-artica*, caracterizada pelas coniferas.

A *zona artica*, finalmente, caracteriza-se pela ausencia da vegetação arborescente, limitando-se a sua flora a musgos e lichens.

Convem observar que a distribuição da flora do globo não se faz unicamente em zonas botanicas traduzindo a influencia da latitude geographica; a altitude representa papel analogo á latitude na successão de zonas que se dispõe em relação ao nivel do mar como ás que vimos de citar em relação ao equador terrestre.

O estudo da distribuição da flora deve ser completado pela consideração das diferentes zonas de cultura, seus limites respectivos e typos representativos. Sem entrar em indicações minuciosas, mais proprias do estudo especial da geographia economica de cada região, limitamo-nos a enunciar as zonas de cultura na ordem em que se succedem a partir do equador:

ESCOLA NORMAL

GEOGRAPHIA (1)

PONTO N°. 10

SUMMARIO — *Distribuição das riquezas mineraes na Terra. A fauna. A flora.*

A distribuição dos diferentes mineraes pelas diversas regiões da Terra dependendo sómente da constituição geologica do solo e não sendo influenciada pela acção dos climas, não pôde ser ri-

(1) — Os pontos de numeros 1 a 9, inclusive, do programma de Geographia da Escola Normal foram tratados em artigos, sob o mesmo titulo do presente, publicados nesta revista nos numeros 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, do 5°. anno, correspondentes aos mezes de Abril a Outubro inclusive, de 1921.

gorosamente referida ás zonas em que, geographically, é dividido o nosso globo, pois que em todo este ellas se acham indifferentemente repartidas.

Não é, porém, impossivel esboçar uma lei de distribuição geographica dos differntes mineraes, para o que faz-se mister a sua prévia classificação, sendo elles para esse fim usualmente grupados do seguinte modo:

- 1°. *Combustiveis*, — entre os quaes figuram a hulha, a turfa, o petroleo e aos quaes é associado o enxofre;
- 2°. *Terras*, — ou rochas friaveis, entre as quaes convem destacar as argilas e os ocres ou terras de cores.
- 3°. *Pedras communs*, — taes como os granitos, perphyrio, ardosia, calcareo, marmores, etc. topazio, esmeralda, turmalina, etc.
- 4°. *Pedras preciosas*, — como o diamante, rubim,

- 1ª. Zona do arroz e do milho.
- 2ª. Zona da vinha
- 3ª. Zona do trigo.
- 4ª. Zona da cevada.

A distribuição das numerosas especies de animaes, que constituem a *fauna* do nosso globo, depende não só das condições climaticas como das do regimens alimentar proprio a cada uma d'ellas.

Assim, pois, existe intima ligação entre a distribuição das especies da fauna terrestre e as da flora, esplicando-se, assim, o seguirem, tanto a fauna como a flora, uma progressão decrescente em latitude, do equador para o polo, e em altitude, do nivel do mar para as cumiadas das grandes montanhas.

No equador, e ao nivel do mar onde é maior abundancia de vegetaes existem mais numerosas especies de animaes e de maior tamanho. E' com effeito, na zona equatorial que encontramos

os grandes pachydermes, (elephante, hypopota-mo, rhinoceronte) os grandes carnivoros (leão, tigre, etc.).

A proporção que augmenta a latitude ou a altitude diminuem o numero de especies da fauna terrestre e as proporções dos animaes que as constituem.

Ordem inversa se observa na distribuição das especies que formam a fauna maritima. E' nas regiões polares que se encontram os maiores representantes dessa fauna, os grandes cetaceos, (baleias, cachalotes etc.), as phocas, elephantes marinhos, etc. E' tambem nos mares das regiões frias que mais numerosas são as especies de *peixes* (arenques, bacalhão, salmão, etc.) emquanto que nas aguas das regiões quentes a fauna maritima se caratectiza pela multiplicidade de especies de *molluscos* (mariscos, ostras, etc.) e de radiados (coraes, esponjas, etc.).

I. A.

III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

4º ANNO

3º. ponto: *O poder executivo na União, nos estados, nos municípios e no Districto Federal. — Ministros.*

Summario — O poder executivo na União: presidente de republica, o que faz, eleição, seu trabalho auxiliado pelos ministros, seus secretarios, de sua escolha particular. Dizer quaes são os ministerios e citar rapidamente os serviços de que se incumbem.

O poder executivo nos estados: o presidente ou governador, eleito pelo povo e auxiliado pelos seus secretarios, que correspondem aos ministros na União.

No Districto Federal: o Prefeito, nomeado pelo Presidente; seus auxiliares: directores das repartições da Prefeitura. Citar as principaes directorias e os serviços que lhes estão affectos.

Nos municípios: o presidente de camara municipal.

4º. ponto: *O poder legislativo na União, nos estados, nos municípios e no Districto Federal. Camara e Senado, assembleias legislativas. Deputados e senadores; intendentes.*

Summario — Estudo inteiramente semelhante ao do ponto anterior, vendo-se a organização do legislativo em suas diversas modalidades. Na União: camara e senado, eleição de deputados e senadores, ideia summaria de como são feitas as leis; e intervenção do executivo: veto ou sancção do presidente da republica. Nos estados: assembleias legislativas, sua composição. Nos municípios: a camara municipal. No Districto Federal: conselho municipal, intendentes; veto ou sancção do prefeito; intervenção da União: a acceitação ou rejeição do veto pelo Senado.

5º. ponto: *Os poder judiciario. Idem idem. Juizes e tribunaes. Pretorias.*

Mesmo estudo que para os dois pontos anteriores.

Fins do poder judiciario: determinar a punição dos criminosos, pronunciar-se em questões entre particulares ou entre estes e o governo, verificar se os actos do legislativo e do executivo estão de accordo com a Constituição, tratar dos actos da vida civil.

Ideia rapida de tribunaes e juizes.

Justiça federal: tribunaes regionaes e Supremo Tribunal Federal.

Justiça estadual: jury, juizes municipaes e de direito, tribunal de Relação.

No Districto Federal: jury, protores, juizes de direito e Côte de Appellação. A justiça no Districto Federal está sob a autoridade do governo federal, não é independente como a dos estados.

Ideia de jury, de pretoria, e da gradação de julgamentos, de que o Supremo Tribunal é a ultima instancia.

6º. pontos *Serviços publicos mantidos pelo governos na União, nos estados e no Districto Federal. Impostos.*

Mesmo ponto do 3º. anno; as noções dadas serem ligeiramente ampliadas, mostrando-se melhor a necessidade dos serviços publicos, insistindo um pouco mais no modo de desempenhal-os e desenvolvendo tambem um pouco mais a ideia de imposto e a obrigação que teem os cidadãos de não se furtar ao seu pagamento.

Mostrará ainda o professor como os serviços de ordem geral estão a cargo da Federal, ou, meios particulares ainda, ás do ficam entregues aos estados, ao Districto Federal, ou ás municipalidades.

Maria Reis Campos.

—): (—

LINGUA MATERNA

1º ANNO (adiantado)

Dictado

O professor deverá: 1º, contar a historia que vae ler; 2º, explicar certos termos mais ou menos desconhecidos; 3º, lêr, para que

os alumnos ouçam, a historia cujo trecho vae dictar.

Si tiver escolhido um trecho do livro usado em aula para a leitura, os alumnos deverão seguir, mentalmente, a leitura do professor.

Nesta subdivisão de classe (1º adiantado ou 2º atrazado) estarão os alumnos lendo compendios que offerecem mais ou menos as difficuldades da "Leitura Preparatoria" (Vianna) do 1º livro da série Rangel Pestana, etc.

Qualquer destes livrinhos se presta a um dictado.

Contem algumas historietas onde encontramos, além das notações syntacticas os dialogos utilissimos para o ensino do emprego do travessão cuja funcção é com enorme facilidade apprehendida pela creança, prevenindo-lhe ao mesmo tempo o espirito no sentido de preparar a voz para dar expressão á leitura.

Tomemos como exemplo a seguinte historieta:

Mario tinha sete annos. Elle gostava muito de fructas. (No grão de adiantamento desta turma, temos necessidade de empregar os pronomes pessoaes; prejudica a fórmula, mas torna-se mais claro o sentido).

Um dia viu passar um vendedor de uvas. Chegou perto de sua mãe e disse:

— Mamãe, póde dar-me dois tostões para eu comprar uvas?

A mãe de Mario lhe deu o dinheiro. Mario, muito contente, comprou as uvas e chupou-as. Que regalo! No dia seguinte, quíz novamente comprar uvas.

Mas a mãe de Mario não era rica. Vivia do seu trabalho. Era lavadeira. Falou, por isso ao filho:

— Mario, si comprares uvas todos os dias, o dinheiro não chega para comprar o leite para tua irmã.

Mario não fez cara feia, porque era um bom menino. Não pediu mais dinheiro á mãe.

Mas a mãe de Mario, vendo seu filho tão ajuizado, dava-lhe, de vez em quando, alguns tostões que sobrassem de suas compras.

O professor contará a historia fazendo considerações deste genero: — Vocês tambem não gostam de uvas? — Si tiverem dinheiro não as comprarão? — Por que motivo Mario não podia comprar uvas todos os dias?

— Mas então, Mario era um infeliz por

ser pobre? — Não, a felicidade não está na riqueza, está na paz, na vida tranqüilla e será desfructada por todos aquelles que procurem educar-se na bondade, no cumprimento do dever, no trabalho, na ordem e na economia. — Por que não lhe dava sua mãe, todos os tostões que sobravam? (—Por que pensava em guardar um pouco para uma despeza imprevista: molestia, lucto, mudança, etc. Assim todos devem fazer.

Os filhos não se devem zangar quando os paes não lhes puderem dar mais que o alimento trivial de cada dia; pelo contrario, só procedem bem aquelles que respeitam e amam os entes a quem devem o sustento. Devem ser economicos na roupa, cuidadosos com os livros, arranjados em casa, para não sobrecarregar a mãe ou os famulos, quando os houver. Os filhos mais velhos devem ajudar os paes em suas profissões, quando isso fôr possível, quer nas officinas quer nos misteres domesticos.

Feitas estas observações, passará o professor á parte technica da linguagem.

Não duvido de que digam: isto é lição de moral e não de linguagem.

Enganam-se. A educação da linguagem, sem educação do pensamento seria impossivel. Devemos cuidar com rigor das representações na consciencia infantil para que as imagens ahi fiquem tão perfeitas quanto possível.

Agora, em se tratando não mais de imagens, mas sim de juizo, é preciso que este seja educado tambem, para que a imaginação venha a produzir mais tarde as boas redacções. A palavra é apenas um symbolo. Como poderá escrever bem quem pensa mal? (V. Pedagogia de Bomfim, capitulo X, Pedagogia da Linguagem).

Si não guiarmos os alumnos em suas observações, em seus juizos, o resultado será o desastre nas provas, porque chegando ao 3º, 4º e 5º annos, são obrigados á redacção.

Alguns delles têm a felicidade de viver em bom meio, ou de ter haurido idéas de bons livros, conseguindo por isso, escrever sobre o assumpto apresentado. A maioria, porém, dirá: não tenho nada para dizer! — Façam, escrevam qualquer cousa, dizem-lhes os fiscoes.

E nas provas querem: correcção, leveza e observação (!).

Ha tambem quem diga que o professor ensinando a redigir, tira a individualidade do alumno. Ha ensinar e ensinar. Natural-

mente, si o professor desandar a dictar phrases para o alumno escrever, o aproveitamento será nenhum; mas pelos processos acima expostos, o alumno terá sempre alguma cousa a dizer.

Passando, pois, á parte propriamente technica da lingua, serão necessarias perguntas assim:

— Como termina esta phrase: — Mãe, póde dar-me dois tostões para comprar uvas? (Pelo ponto de interrogação). — Por que? — E esta outra: Que regalo! — como termina?

— Por que tal e tal phrase começam por um travessão?

Em seguida examinará, com auxilio dos alumnos as palavras de orthographia mais difficil, escrevendo as mesmas no quadro negro. Aliás, nestes primeiros dois annos de vida escolar — que são um treinamento ao estudo, prefiro as lições feitas no quadro, tornam-se mais interessantes e divertidas.

Uma vez ou outra, a titulo de habituar a turma ao asseio e ao capricho, mandar-se-á que a lição seja executada em cadernos.

Indo ao quadro, cada alumno escreverá, por ex., uma phrase, um periodo; será substituido por um collega que fará o mesmo e assim successivamente. Os demais alumnos irão fazendo o dictado em suas ardosias ou no caderno de notas. E' preciso, entretanto, que o professor exija o emprego das notações lexicas e que cada alumno vá escrevendo á medida que se fôr dictando, pois, se a turma esperar que o collega, que está no quadro, escreva, o trabalho redundará em copia.

Pelo quadro reconhecerão, apenas, os seus erros e estes deverão ser immediatamente corrigidos.

Julieta Martins Silva Arruda.

—):(—

2º ANNO

Formação de phrases com elementos dados

A proposito deste trabalho faço as seguintes observações:

1ª — a simples formação de phrases com palavras muito communs (sol, gato, bola, menino, etc.) deve ser feita no 1º anno adiantado.

3º ANNO

Redacção — Carta

Embora o Programma assim não mande, penso que os bilhetinhos e as cartinhas devem ter sido feitas no 2º anno. (Si nos limitassemos ao Programma, principalmente em relação ao portuguez e á arithmetica, seriamos desagradavelmente surprehendidos com os pontos de prova de exame!)

É indispensavel, pois, que o inicio do estudo das regras epistolares seja feito nos ultimos mezes do 2º anno; do contrario as difficuldades a vencer serão innumeradas. Ani é que se ensina: a) que o nome da pessoa a quem dirigimos a carta e o começo desta ficam em linhas differentes; b) que manda a polidez que algumas palavras de saudação comecem as epistolas; c) que nunca se trata uma pessoa por *tu* e *você* ao mesmo tempo. Esta ultima parte, é, si não a mais difficil, aquella que maior numero de exercicios preparatorios exige.

Nós, professores, falamos assim aos alumnos: — Eu *te* disse que estudasse a lição e *você* não estudou! (!)

Os livros de leitura, por seu turno, quando narram dialogos, empregam sempre a 2ª pessoa do singular, de sorte que os pobres alumnos, forçosamente, commetterão taes erros.

Como corrigil-os realmente no 3º anno? A simples correcção de cadernos e o commentario feito em aula serão efficazes?

Talvez sim, mas dentro de um prazo muito longo.

Alguns exercicios preparatorios devem preceder á redacção de cartas.

Sigam, por experiencia, os seguintes conselhos:

1º — Peçam, a principio, um só tratamento, *você* ou *tu*. (Prefiro *você* em 1º lugar por ser o tratamento habitual á intimidade no Brazil).

2º — Deem, algumas vezes, os tempos de verbo, mandando que os alumnos applicuem *você* e *vocês* em lugar de *elle* e *elles*.

3º — Obriguem-n'os a fazer exercicios como os que indiquei no ultimo numero, isto é, dadas phrases ou periodos na 1ª pessoa do singular, os alumnos deverão mudar successivamente para todas as pessoas, empregando *você* e *vocês* em lugar de *elle* e *elles*. Ex.: eu tomo banho de mar quando me sinto fraca

Julieta Martins Silva Arruda.

— tu tomas banho de mar, etc. Antonio me viu e me disse adeus. Antonio te viu... Antonio o ou a (você) viu e lhe...

Por meio de perguntas singelas, o professor fará comprehender ao alumno quando deve empregar *o*, *a* e *lhe*, sem absolutamente, falar em transitivos directos, indirectos ou quejandos.

Feitos muitos exercicios assim, aprendidos alguns tempos de verbo, poderá ser iniciada a redacção de cartas.

Vejamos este summario para uma carta:

Z. mora na cidade. Tendo estado doente escreve a X. que móra no campo, pedindo-lhe permissão para passar com este um mez a fim de fortificar-se. Roga que lhe desculpe a liberdade de tal pedido, explicando que, não podendo ir acompanhado pela mãe, esta preferiu mandal-o para a casa de X., cujos paes zelarão pelo restabelecimento de Z., que sendo ainda muito joven é um pouco imprudente. Dizer qual a anciedade a espera da resposta para tomar providencias relativas á viagem.

E' indispensavel uma palestra do professor a respeito da carta para orientar os alumnos. As primeiras cartas devem ser feitas no quadro, tratando por ex. cada alumno de uma parte que possa ser contida num periodo. Outro alumno escreverá o periodo seguinte. Toda a turma acompanhará o trabalho nas ardosias ou cadernos de notas. Nessa occasião ainda, não obstante os exercicios preparatorios, terá o professor que chamar, muitas vezes, a attenção dos alumnos para a mistura de pessoas. E, emquanto não julgar a turma preparada em relação ao tratamento, não deverá mandar fazer no caderno, cada alumno por si, este trabalho.

A meu vêr, não ha melhor meio para se demoverem difficuldades qual o evitar que os alumnos as encontrem em condições de não as poder vencer. Outrosim, para que o alumno reconheça os erros convem que se lh'os mostrem immediatamente ao seu commettimento.

Julietta Martins Silva Arruda.

4º ANNO

Pronomes pessoas — variações

LEITURA

A professora escreverá no quadro negro as phrases abaixo indicadas, sublinhando

todos os pronomes e todas as variações pronominaes, e, depois da indispensavel explicação, mandará que os alumnos as leiam.

Nós não poderíamos viver sem ar e sem luz. A necessidade é uma grande mestra: foi ella que creou a industria e a economia. Os objectos frageis duram muito, emquanto os tratamos com todo o cuidado. Eu o mandei chamar para entregar-lhe um livro. Quantas vezes aquelles que exercem certos cargos são verdadeiramente indignos delles. Tu procuraste a opulencia persuadido de que nella encontrarias a felicidade.

ar — corpo gazoso, pesado, sem côr, nem cheiro, capaz de compressão e dilatação, elastico, transparente, invisivel; cerca todos os objectos terrestres e a propria Terra, até certa altura: chama-se neste caso *atmosfera*;

luz — causa dos phenomenos luminosos e da visão; claridade que emana do sol ou dos outros corpos celestes, do fogo, da electricidade e faz com que vejamos os objectos;

necessidade — de um modo geral — carencia, falta de alguma cousa; neste caso — precisão de cousa favoravel á manutenção ou ao conforto da vida.

industria — aptidão, destreza, para a execução de um trabalho manual; habilidade para fazer alguma cousa; conjuncto dos trabalhos de que deriva a producção das riquezas;

economia — boa ordem em qualquer administração; emprego discreto que se faz de qualquer cousa; habito de gastar pouco;

frageis — fracos, quebradiços, que se partem facilmente; que estão sujeitos a erros ou a culpas (sentido figurado);

indignos — incapazes, inconvenientes, despreziveis; sem dignidade;

opulencia — abundancia de riquezas; corpulencia, desenvolvimento de fórmias (sentido figurado).

Depois dessas explicações, a professora

chama a attenção dos alumnos para todas as palavras sublinhadas, dizendo-lhes que se chamam *pronomes*, e passará a ensinal-os.

Pronome é toda a palavra que se emprega em lugar de um ou mais nomes.

Os pronomes podem ser: *pessoaes, relativos, indefinitos, demonstrativos e possessivos*

Chamam-se *pronomes .pessoaes* todos aquelles que representam as pessoas grammaticaes.

Estas pessoas grammaticaes são:

I — a que conversa, a que fala, a que diz; não tem genero: *eu*.

Exs.: *eu* falo, *eu* converso, *eu* escrevo, etc.

II — a que representa a pessoa com quem estamos conversando; não tem genero: *tu*.

Exs.: *tu* me convidaste para passeiar; *tu* não trabalhas?

III — a que serve de objecto, de assumpto, á nossa conversa; varia em genero: *elle, ella*.

Exs.: *elle* vem jantar commigo; *ella* não desenha hoje.

As fórmias para o plural são: *nós* — para a primeira pessoa;

nós estudamos; *nós* comemos;

vós — para a segunda pessoa;

vós passeiaes; *vós* escrevereis;

elles, ellas — para a terceira pessoa;

elles escreveram; *ellas* cantaram.

A esses pronomes pessoas correspondem *variações*, que se dizem — *variações pronominaes*.

(A professora passará para o quadro negro o seguinte esquema, para maior clareza da explicação, e irá dando as diversas variações).

Eu — me, mim, migo — commigo

tu — te, ti, tigo — comtigo

elle, ella — o, a, lhe, se, si, sigo — comsigo

nós — nos, nosco — comnosco

vós — vos, vosco — comvosco

elles, ellas — os, as, lhes, se, sigo — comsigo.

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Suppôr que tiveste uma altercação com a melhor das tuas amigas, e por motivo fu-

til; arrebatada pela ira, a offendeste. Mais tarde, a reflexão mostrou o grande erro commettido. Houve arrependimento. Escrever uma carta, pedindo desculpa do irreflectido acto, e a renovação da antiga amisade.

America Xavier de Barros

Derivação das palavras

5º ANNO

EXERCICIO ORAL

A professora escreverá no quadro negro os versos que se seguem; e, depois de lêl-os, e dar as explicações necessarias, ensinará os *modos de derivação das palavras*.

O CANARIO MORTO

Era a doce *alegria*

Da minha vida: enchia-me a *saleta*

De *garrulice* e *deliciosos* trillos,

Desde a *alvorada* até o *findar* do dia.

(Céo, Terra e Mar, pag. 249).

Canario — passaro originario das ilhas Canarias, de plumagem ordinariamente amarella ou esverdeada e cujo canto é extremamente harmonioso.

O archipelago das Canarias fica situado no Atlantico, a noroeste da Africa, e pertence á Hespanha. A cidade de *Las Palmas* é o porto de escala dos vapores que fazem commercio com a America;

morto — participio passado irregular do verbo morrer, cujo participio regular é *morrido*, só empregado com os auxiliares *ter* e *haver*.

Era — verbo ser; homonymo perfeito de *era*, tempo limitado, época; e homophono de *hera*, nome de uma planta trepadeira;

doce — qualifica o substantivo *alegria*; homonymo perfeito de *doce*, toda a iguaria em que entre o mel, o assucar ou qualquer outra substancia assucarada;

saleta — diminutivo de sala, assim como

tambem o é *salinha*; augmentativo — *salão*;
garrulice — falar demasiado; loquacidade; gorgeio, quando se trata de aves, como neste caso;
deliciosos — qualificativo de trillos; tudo quanto causa deleite, agrado, delicias; muito aprazível;
trillos — trinados, trinos, gorgeios; paronymo de *trilhos*;
alvorada de *alvor* ou *albor*; e *findar*, que do dia;
findar — acabar, finalizar.

Notem agora, os alumnos, que as palavras — alegria, saleta, garrulice, deliciosos, alvorada, findar — da quadra que acabámos de analysar, estão sublinhadas.

A essas palavras, assim marcaças, chamaremos de — *derivadas*, porque nascem, procedem de outras.

Alegria deriva de *alegre*; *saleta* de *sala*; *garrulice* de *garrulo*; *deliciosos* de *delicia*; está empregado como substantivo, e não como verbo, pela anteposição do determinativo *o*, deriva-se de *fim*.

Esses exemplos nos dão conhecimento de dous modos essenciaes de *derivação*: *propria* e *impropria*.

Quando construímos palavras novas, por intermedio de elementos — chamados *suffixos* — que se juntam a um thema ou a uma palavra já conhecida, se diz que a *derivação* é *propria*.

Assim, com os *suffixos* *oso* e *udo* formaremos muitos derivados:

chuvoso — cheio de *chuva*
affectuoso — cheio de *affecto*
gostoso — cheio de *gosto*
maravilhoso — cheio de *maravilha*
cabelludo — cheio de *cabello*
pelludo — cheio de *pellos*
carnudo — cheio de *carne*
felpudo — cheio de *felpo*.

Os outros *suffixos* mais conhecidos são: *al* — significando abundancia, continuação.

Exs.: *bananal*, *cafezal*, *areial*, *laranjal*, *cipoal*, etc.

Agem — porção, extensão.

Exs.: *folhagem*, *aragem*, *viagem*, etc.

Igem e *ugem* — mesma significação do precedente.

Exs.: *vertigem*, *fuligem*, *ferrugem*, *pen-nugem*, *lanugem*, etc.

Aria — significando abundancia.

Exs.: *livraria*, *cavallaria*, *confeitaria*, *fer-raria*, *pedraria*, *rouparia*, etc.

Im, *inho*; *eta* — *suffixos* *diminutivos*.

Exs.: *flautim*, *folhetim*, *livrinho*, *ma-ninho*, *quadrinho*, *bolsinho*, *lencinho*, *saleta*, *banqueta*, *caixeta*, *sineta*, etc.

Ismo, *errimo*, *issimo* — empregados na formação dos *superlativos*.

Exs.: *facilimo*, *asperrimo*, *pauperrimo*, *miserrimo*, *celeberrimo*, *lindissimo*, *justis-simo*, *grandissimo*, *notabilissimo*, etc.

Os *suffixos* — *ecer*, *egar*, *ejar*, *itar*, servem para formar os verbos derivados *inchoa-tivos* e os *frequentativos*.

Exs.: *alvorecer* — de *alvor*; *amadurecer* — de *maduro*; *amanhecer* — de *manhã*; *anoitecer* — de *noite*; *fumegar* — de *fumo*; *navegar* — de *nave*; *bocejar* — de *bocca*; *gottejar* — de *gota*; *espanejar* — de *espanar*; *festejar* — de *festa*; *saltitar* — de *sal-tar*; *dormitar* — de *dormir*; etc.

Na *derivação impropria* as palavras nascem uma das outras só pela mudança de categoria *grammatical*, sem alteração da forma e sem o concurso dos *suffixos*.

Assim, no verso que analysámos: — “Desde a alvorada até o findar do dia.” o substantivo *findar* derivou do verbo de igual nome, só pela anteposição do determinativo *o*.

Exs.: de *substantivos* derivados de *adje-ctivos*.

O justo não teme a *affronta*.

Um amigo dedicado não se encontra facil-mente.

Os *velhos* são mais *previdentes* do que os *moços*.

O azul é uma *côr* muito suave.

Exs. de *adjectivos* derivados de *substan-tivos*:

Aquelle menino é *malandro*.

Esta menina é muito *prosa*.

Exs. de *adverbio* derivados de *adjectivos*: João lê tão *baixo*, que mal se ouve.

Os navios passaram *proximo* á costa.

Essa senhora usa o vestido *rente* ao chão.

Toda a professora deve falar *alto*.

Exs. de *substantivos* derivados de *verbos*: *O meu querer* nada vale diante da tua *vontade*.

“Onde entra o *beber* sahe o *saber*”.

“O *viver* do artista remediado tem um per-fume de *innocencia* e *honestidade*.”

Deve ser prohibida a *queima* das nossas flo-restas.

A rua Marechal Floriano tem muitas lojas de *calçado*.

O theatro Municipal tem diversas *sahidas*.

Já se fizeram varios *córtes* naquelle *morro*.

Os alumnos cantaram uma bonita *marcha*.

Como exercicio escripto transcrevo algu-mas phrases da “Grammatica Portuguesa” de Verissimo Vieira, que a professora utili-sará como entender.

Nem sempre largas *passadas* demonstram pressa. Quem facilita com o *andar* faz muita pousada em caminho. A individuos *madra-ços* não commettas serviço de urgencia. Mais vale o *tolo* no seu, do que o *sabio* no alheio. Não se deve falar *serio* na casa em que o riso é lei. A capital do Brasil offerece aos *extranhos* bellezas surprehendentes. Nem sempre a *acolhida* manifesta o gráo de es-tima. A *canalha* e *charlatão* nem guarida nem perdão. Aguas *passadas* não movem moinho. Quem vae além do *mandado* com-mette mais de um *peccado*. O *passado* nos dá muitas vezes a medida do *futuro*. O bom alumno ouve *attento* as lições do professor. Quando a comida é pouca a *grita* é muita.

A professora poderá tambem escolher uma palavra — *socio* — por exemplo, e por meio della formar uma familia de palavras, utili-sando *suffixos* e *prefixos*, afim de obter as *derivadas* e as *compostas*. Virão deste modo:

socio — companheiro de outro ou de outros, que se juntam para conseguir algum fim.

sociedade — união de duas ou mais pessoas para uma exploração commercial, artis-tica, industrial, scientifica, recreativa, etc.

social, *sociavel* — pessoa que vive em socie-dade.

sociabilidade — aptidão para viver em socie-dade.

socialismo — systema de reformas sociaes. *socialista* — pessoa partidaria de um sys-tema de socialismo.

sociologia — sciencia que trata das questões sociaes.

sociologico — tudo que é relativo á socio-logia.

insociavel — inimigo da sociedade, da con-vivencia.

insociabilidade — qualidade de ser inso-ciavel.

antisocial — tudo que é contrario e preju-dicial á sociedade.

associar — reunir, ligar para fim commum; fazer alguém *socio* de outro.

associação — união de pessoas para um fim commum; sociedade.

coassociado — o que está associado com ou-tro ou outros; consocio.

dissociar — separar, apartar o que compõe a união.

dissociação — separação dos socios.

America Xavier de Barros.

GEOGRAPHIA

1º ANNO

Trajecto percorrido pelo alumno

ORIENTAÇÃO

O professor guiará cada alumno para que cite o nome das ruas percorridas para ir de casa a escola, sendo, então, lembrados os meios de conducção e citados os edificios importantes do bairro, como fabricas, igre-jas, escolas, etc., falando-se tambem de sua utilidade, além dos jardins publicos e dos accidentes physicos, de modo que essa pa-lestra constitua apenas um exercicio de lin-guagem e de observação.

O AMOR

Pelos filhos se prova dando-lhes um tonico capaz de fazel-os fortes e sadios.

ARSENIODIUM

Não contem alcool nem oleo. Remedio heroico no tratamento do rachitismo, escrophulose, lymphatis-mo, crescimento exagge-rado, auemia. Torna as crianças sadias e bonitas.

Depositarios: Drogaria R. HESS—7 de Setem-bro, 61, RIO

Desde que a criança conheça bem os nomes das ruas que percorre, a principio por enumeração do professor, e depois a seu conselho, por observação propria, faça o mestre no quadro-negro dois pontos que indiquem: um, a escola e o outro, a residencia do alumno, de modo a guardarem entre si, mais ou menos, a mesma posição que os proprios predios; uma linha recta ou quebrada unirá esses dois pontos, representando o trajecto percorrido pela criança.

Cada alumno aprenderá o traçado do trajecto que faz.

SEGUNDO ANNO

Os arredores da escola — Os arredores do Rio de Janeiro, morros que o circumdam, a bahia do Rio de Janeiro, ilhas e praias

ORIENTAÇÃO

O estudo dos arredores da escola é a ampliação do estudo anteriormente feito, isto é, do quarteirão da escola e trajecto percorrido pelo alumno.

Repetindo o que já foi ensinado sobre o bairro, o professor procurará desenvolver as idéas de industria e commercio, dizendo quaes as produções do bairro, as fabricas que possui e o seu commercio principal.

Com o estudo da segunda parte deste ponto se inicia a tecnologia geographica e supponho só para tal fim ser elle feito, porque seria inutil que nesta classe se tentasse ensinar antes ás crianças os nomes dos morros, ilhas e praias do Rio de Janeiro.

Figure o professor um passeio em cujo trajecto se encontre ou aviste um morro por todos conhecido; represente esse accidente, segundo os meios de que dispõe, como já ficou dito na parte do programma do terceiro anno, anteriormente estudada e relativa — A superficie da terra.

Si nesse passeio figurado houver um rio que vá desaguar no mar, indague o professor dos alumnos se elles se deixassem levar pelas aguas desse rio em um barquinho onde iriam ter? Quando não possa encaminhar assim a palestra, faça-o de modo que fale no mar, essa grande massa de agua salgada, em constante vai-e-vem, que todos de certo conhecem e nas praias em cuja areia elles tanto gostam de brincar. Mostre-lhes photographias da bahia do Guanabara e diga-lhes que

o mar nesse trecho, por motivos que explicará, toma o nome de bahia de Guanabara; cite, então, os nomes dos morros, ilhas e praias que ahi se acharem reproduzidos.

3º ANNO

A superficie da terra

ORIENTAÇÃO

Já por meio de estampas em que se vejam aguas, seja rio, lago ou mar, já figurando passeios nos arredores da escola, o professor fará com que os alumnos observem que na superficie terrestre se encontram partes liquidas e partes solidas; e, mostrando o globo ou o mappa-mundi, dirá que ahi ellas se acham destacadas pela coloração diversa. Poderá chamar um ou outro menino para apontar ora uma extensão de terra, ora uma porção de agua.

Uma vez que todos estejam certos disso, convem perguntar se os povos, que vivem nessas extensões de terras separadas pela agua, não se conhecem, não se visitam. E assim elles saberão que a massa liquida, principalmente os mares e rios, teem grande utilidade para os habitantes da terra, como meio de comunicação.

Tratando do mar dirá: que elle vive em constante movimento, formando o que se chama ondas ou vagas; que duas vezes por dia elle cresce invadindo a praia para depois recuar, são as marés; e que, finalmente, em seu seio se formam verdadeiros rios, chamados correntes maritimas ou oceanicas, que desempenham papel importante não só nos climas como na navegação, sendo a uma delias attribuida a descoberta do Brasil.

O meio mais facil para serem ensinado os accidentes physicos geographicos é o *taboleiro de areia*, conhecido por todos mais de que nem todas as escolas dispõem. No 1º caso é bastante dispôr a areia e depois collocar agua, formando-se continentes, mares, rios, ilhas, cabos etc.

E' preciso que cada alumno modele um ou outro accidente, mostrando no mappa a sua representação.

Sem o taboleiro, só estampas e desenhos no quadro negro permittirão que as crianças façam ideia desses accidentes, que deverão ser estudados, paulatinamente, começando pelo continente e oceano, sem citação de nomes proprios (a não ser daquelles que as

crianças por si mesmas lembrarem), e apontados no mappa ou globo.

4º ANNO

O Districto Federal — situação, limites. Principaes accidentes physicos do D. Federal, produções, industria, commercio, meios de transporte, organização politica, relações com os outros Estados da União.

ORIENTAÇÃO

Já e conhecida parte do D. Federal pelas crianças que no 3º anno estudaram tudo o que se refere á cidade do Rio de Janeiro. Diga-lhes, pois, o professor que esta cidade, a capital do Brasil, faz parte de uma extensão de terra que se chama o D. Federal, que será mostrado no mappa-geral, preso á parede, para que cada alumno o procure no seu. A sua situação deve ser ensinada não numericamente mas quanto á zona; e, relativamente aos outros estados do Brasil, facilmente será dita por qualquer alumno, desde que tenha o mappa, porque foram estudadas, no 3º. anno, não só as zonas como a divisão administrativa do Brasil.

Antes de se entrar definitivamente no estudo dos accidentes physicos do D. Federal é preciso que as crianças saibam traçar approximadamente o contorno dessa parte do Brasil. E' de certo esse um dos mais faceis contornos desde que não se exijam medidas exactas e que seja tomado como modelo um mappa-mudo, sem preocupação de exactidão de traços mas apenas de obter uma forma approximada.

Quasi sempre as crianças se recusam a esboçar á mão livre o trabalho, pelo habito que têm de só fazel-o a regra, no emtanto, se o professor der o exemplo, em breve será imitado.

O exercicio de aula repetida algumas vezes em casa, em qualquer papel, apenas para ser mostrado ao professor na escola, tornal-os-á capazes de fazer este contorno no quadro-negro. Digo repetido em casa porque na realidade o tempo de que se dispõe na escola é insufficiente para qualquer trabalho demorado.

Para o estudo dos accidentes physicos, o professor tomará o mappa mural dessa região onde deve apontal-os para orientar as crianças na procura dos mesmos em seus proprios mappas; em seguida reproduzil-os-á dentro do contorno que deve ter feito no quadro negro, ao mesmo tempo que os alumnos em seus blocos.

A experiencia mostra que se o professor só proseguir o estudo quando os alumnos souberem fazer o contorno, o programma se atrazará, sem vantagem alguma, mas ha um meio de evitar esse inconveniente, reproduzindo primeiramente os accidentes no mesmo mappa mudo.

Convem fazer um estudo succinto; apenas devem ser citados os accidentes que tenham real importancia, como sejam entre as montanhas as que formam os tres grandes massiços cujos nomes, em geral, toda a classe conhece, já pelo clima saudavel e ameno, já por offerecerem agradaveis passeios; do mesmo modo proceder-se-á no estudo dos morros isolados.

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120

ULTIMA NOVIDADE



Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26	8\$000
De 27 a 32	9\$000

Pelo Correlo, mais 2\$000 em par



Sapatos **ALTIVA**, em kangurú, preto e amarello, criação exclusiva da **CASA GUIOMAR**, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25	5\$000
De 27 a 32	6\$300
De 33 a 40	8\$000

Pelo Correlo, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remettem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios.

Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correlo, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graeff & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

E tambem de bom alvitre, que o professor escreva os nomes de alguma difficuldade graphica e evite, sempre que fôr possível, dar todos aquelles que toma um rio, às vezes em um pequeno trecho; o nome principal é sufficiente.

Apenas as ilhas importantes pelos nucleos de povoação ou pelos estabelecimentos que possuem, devem ser indicados nos mappas que estão sendo feitos.

Substituindo-se o mappa do D. Federal, pela planta da cidade, facil será o estudo das praias e dos cães, para cuja representação basta o aperfeiçoamento das linhas geraes do contorno, explicando-se, porém, a differença entre aquellas e estes.

O estudo da topographia do D. Federal é necessario para facilitar o das produções, industria, commercio e meios de communicação. Uma vez pois, que seja dividido em zona urbana e rural, dir-se-á que esta é a zona da lavoura e tambem da pesca ao passo que quella é d industria e commercio. Bem especificada póde ser a industria pois, é grande o numero de fabricas que possui o D. Federal, assim como o seu commercio, como sendo o porto do Rio de Janeiro o primeiro do Brasil, commerciando não só com os principaes paizes do mundo como com todos os estados do Brasil, conforme deve ter sido estudado no 3º. anno.

Os meios de transporte devem ser estudados distinguindo-se os maritimos dos terrestres e traçando-se no mappa tanto as estradas de ferro como principaes linhas de communicação, mesmo ás maritimas entre a cidade do Rio de Janeiro, Nictheroy Paquetá, etc.

A organização politica do D. Federal já foi summariamente ensinada no 3º. anno, agora

então esse estudo será ampliado com o conhecimento das attribuições de cada poder.

O estudo das relações commerciaes dos diversos estados do Brasil com a capital da Republica deve ser feito muito cuidado, para que a enumeração dos estados dos estados que o Rio de Janeiro importa e daquello que este lhes envia, seja exacta, e se possa assim fazer uma idéa fiel do intercambio commercial sem entrar em detalhes ociosos.

C. Piquet.

—): (—

HISTORIA

2º. ANNO

Feriado de 7 de Setembro

Fazendo a mestra lembrar ás crianças que temos para governar-nos um Presidente da Republica, desde 15 de Novembro de 1889, epoca em que foi expulso do Brasil o Imperador, nosso chefe até então, informe-as de que nem sempre tivemos assim a liberdade de escolher, os chefes da Nação, pois eramos governados á vontade dos Portuguezes.

Tome um mappa afim de fazel-as ver a posição do Brasil e a de Portugal, separados por um grande mar, e diga que era essa nação da Europa, Portugal, quem nos enviára Governadores, raramente bons.

Pinte as nossas condições de inferioridade como colonia cujos interesses foram sempre prejudicados em favor dos da metropole. Fale no descontentamento popular e nas tentativas frustra-

OSCAR TAVES & C

Mechanicismos e Ferramentas para Officinas Mechanicas,
Arsenaes, Estradas de Ferro e Obras Publicas

GRANDE STOCK de toda qualidade de Machinas e Accessorios para a In'dustria e Lavoura

90-92, RUA DE S. PEDRO — 91, RUA THEOPHILO OTTONI,

Rio de Janeiro

das de emancipação, sem referencias a nomes e datas.

Diga que a presença, no Rio de Janeiro, do principe D. Pedro, filho do rei de Portugal, despertou a idéa de o aproveitarem como arma de combate contra a metropole portugueza.

A aceitação da idéa emancipadora pelo principe, suggestionado por José Bonifacio e pela princeza D. Leopoldina, esposa, de D. Pedro, veiu precipitar os acontecimentos: grito do Ypiranga, a 7 de Setembro de 1822, aclamação de D. Pedro, 1º imperador do Brasil.

Não deixe de se referir á estatua de D. Pedro 1º, na Praça Tiradentes, ao dever civiso da commemoração dessa data e aos festejos que se projectaram o primeiro centenario da Independencia do Brasil.

Nota: a "Escola Primaria" de Setembro do anno proximo passado tratou com desenvolvimeto desse ponto para as classes complementares.

3º. ANNO

LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

Explique a mestra o que é ser *escravo* e como a escravidão rebaixa o homem, tanto o escravo como o escravizador que não recua ante o torpe abuso da força contra a fraqueza.

Fale nos povos selvagens do Brasil, altivos, indolentes, insubmissos, e nos povos africanos doces, timidos, facilmente se submettendo aos sofrimentos do captiveiro.

Mostre como a falta de braços para o trabalho arduo do desbravamento das mattas, no Brasil, fez brotar a idéa da escravisação dos selvagens: as *bandeiras* e a reacção opposta pelos nossos selvicolas, proegidos pelos Jesuitas.

Fale na introdução dos africanos, aos milhares, durante muitos annos, conduzidos nos *navios negreiros*, vendidos aos *senhores* mal desembarcavam aqui. (Descreva scenas da escravidão ou leia trechos que tratem desses assumpto: o chicote, os ferros e o tronco, os maus tratos, as mães, etc. etc.).

Diga que essas crueldades abalaram a alma de homens superiores que, na tribuna e na imprensa, pregaram a emancipação dos escravos e os protegiam: a fuga, os quilombos, o capitão do matto, o coito dado aos fugitivos em S. Paulo, no Rio.

Faça verificar o movimento gradual da idéa emancipadora: a lei do *ventre livre*, a dos *octogenarios*, finalmente a *lei aurea* de 13 de Maio de 1888.

Em um schema, no quadro negro, fará a mestra sobresahir, ao lado de cada uma dessas tres leis, os nomes de seus principaes autores, não deixando entretanto de enaltecer o trabalho dos propagandistas da abolição.

4º. ANNO

PROCLAMACAO DA REPUBLICA

Referindo-se aos Governadores republicanos e á sua superioridade sobre as outras fórmulas de governo, informe aos alumnos que os Brasileiros tenderam sempre para a *republica* havendo encontrado varias vezes serios obstaculos para a realização dessa aspiração, podendo mesmo alludir ás diversas tentativas com o fim de obter a: Confederação do Equador, republica de Piratinin, conjuração mineira.

Mostre como houve impossibilidade de obter a, em 1822, com a Independencia, a exemplo das outras colonias americanas, afim de ser evitada a guerra com Portugal si não se desse o concurso de D. Pedro.

O Imperjo estabelecido não satisfazendo as aspirações nacionaes, prejudicando o desenvolvimento das energias do paiz, pela centralização dos serviços, desgostou o povo e reforçou a propaganda das idéas republicanas, disseminadas em todo o paiz.

Cite a mestre os nomes dos principaes propagandistas republicanos e encareça a obra de Benjamin Constant, a alma da revolução. Fale no descontentamento do exercito, na adhesão de Deodoro e de outros distinctos officiaes, levando-os a abandonar a defesa do throno (ameaçado de cair em poder de imperantes pouco sympathicos, após a morte do velho Imperador, D. Pedro 2º).

Descreva o movimento das tropas commandadas por Deodoro, em 15 de Novembro de 1889, a prisão do ministros, no quartel do Campo da Acclamação, hoje Praça de Republica, a deposição do Imperador (vindo precipitadamente de Petropolis para o Paço Imperial), a deportação da familia imperial e dos principaes vultos da politica da epoca.

Chame a attenção das crianças para o caracter do povo brasileiro: mudança de regimen sem o derramamento de sangue de irmãos, sem violencias, cercada a familia imperial de respeitadas deferencias, aliás merecidas.

Pede ainda, a proposito desse ponto de programma, a mestra falar nos principaes actos do governo provisorio, como: a separação da Egreja do Estado (dando-nos a liberdade de crenças re-

ligiosa), o estabelecimento do casamento civil) unico valido perante a lei), a nossa constituição em Republica Federativa, etc.

5º. ANNO

CHRISTIANISMO

Religião pregada por Jesus Christo, o Messias esperado pelos Hebreus para a Salvação do povo de Israel.

Fale a mestra na vinda de Jesus; na sua vida pura; nos milagres feitos; no ensinamento moral das parabolias; em sua prisão e morte, na Cruz, perseguido pelas autoridades da Igreja que elle viera reformar; na evangelisação dos povos pagãos pelos Apostolos, após a morte do Redemptor; nas perseguições aos primeiros adeptos do Christianismo, principalmente em Roma.

Conte summariamente como foi eliminado o poder de Roma pelos Barbaros, que tudo destruíram mas curvaram-se á religião do povo humilde de Roma, tornando-se Christãos.

O Christianismo com seus conventos e monges estudiosos, esclarecidos, salvou então os despojos da civilização greco-romana, illuminou as trevas em que se sepultaram as instituições romanas, abrandou os costumes barbaros dos invasores, diminuiu os rigores da guerra e do captivo, amparou e protegeu os fracos e enfermos ensinando a caridade e igualdade os homens; modificou completamente os costumes sociaes firmando os direitos dos homens, elevando a mulher de escrava a companheira do homem, estabelecendo a affeição conjugal, fortificando o espirito de Família, dando fim á polygamia.

Foi com a Cruz de Christo alçada que Portuguezes e Hespanhóes trouxeram a civilização ás plagas americanas.

M. A.

—): (—

ARITHMETICA

Curso elementar

2º ANNO

Addição

O professor começará a lição interrogando os alumnos sobre os conhecimentos já adquiridos relativamente ao assumpto, afim de recapitular: que é addição; como esta operação arithmetica fórma numeros;

como o numero obtido ou o *total* contém todas as unidades das *parcelas*, etc., para concluir a definição, ou melhor — para encaminhar os alumnos a uma definição clara e concisa da operação: Addição é a operação arithmetica que tem por fim reunir em um só numero todas as unidades de dous ou mais numeros dados.

Pedirá também as definições de — *parcelas* e *total*, expressas em linguagem espontanea, mas correcta e concisa.

Passará a ensinar que — os numeros que a classe conhece desde que começou a aprender a contar as cousas, os objectos, as unidades, são chamados *numeros inteiros* porque são obtidos pela reunião de *unidades inteiras*. Tomará exemplos concretos — dous pães, cinco laranjas, doze chapéos, etc. Lembrará que — todo o numero inteiro ou é formado de uma unica ordem de unidade ou de duas ou mais ordens de unidades, o que constitúe materia de pleno conhecimento da classe; pedirá exemplos de uns e outros, e ensinará que os primeiros são chamados — *numeros simples* — por isso que se não desdobram, que se não partem em relação ás ordens, o que constitúe uma pura applicação do vocabulo *simples* tão frequentemente empregado na linguagem familiar; e que os ultimos são chamados *compostos*, porque se desdobram, porque se podem partir em relação ás ordens. E acrescentará: Estamos tratando da addição de numeros inteiros, e como estes podem ser simples ou compostos, é evidente que teremos de attender a dous casos, a duas situações differentes na addição: — addição de numeros simples e addição de numeros compostos. Mostrará como, espontaneamente, naturalmente, para resolver o primeiro caso, conforme já tiveram occasião de vêr, basta juntar á primeira parcella, uma a uma, as unidades da segunda parcella; ao numero assim formado juntar, uma a uma as unidades da terceira parcella, e assim successivamente até ter juntado as unidades de todas as parcelas. A pratica da operação e os processos mne-monicos, que cada um inventa para seu uso geral, dão á operação notavel facilidade e rapidez.

Passará o professor á addição dos numeros compostos, recapitulando quanto já foi ensinado sobre o assumpto, inclusive a regra, pratica. E, por ultimo, chamará a attenção dos alumnos para as seguintes

minucias facilimas para quem conhece numeracão e necessarias como base ao estudo abstracto da subtracção. Que o algarismo das unidades da somma resultou da somma das unidades das parcelas; que o das dezenas resultou da somma das dezenas das parcelas, etc.; que acontece muitas vezes o algarismo de uma ordem da somma, do total, ter menor valor do que o algarismo da mesma ordem numa das parcelas; mostrará que isso acontece quando a somma não está escripta por extenso, quando levou reservas para a ordem seguinte e nunca por ser a somma menor do que uma das parcelas, o que seria impossivel; tomará exemplos variados, inclusive do caso de se escrever zero na somma; mostrará que a somma das unidades da ultima ordem, da ordem mais elevada, vem sempre escripta por extenso, por não haver mais para onde juntar reservas; finalmente, que numa somma de duas parcelas nunca se póde chegar a vinte numa ordem, porque o maior valor escripto em qualquer ordem é 9 e $9 + 9 = 18$; que se a ordem seguinte ainda apresentar 9 em cada parcella teremos 18 mais 1 de reserva da ordem anterior, ou, por junto, 19.

Uma vez firmados estes conhecimentos passará á

SUBTRACÇÃO

Arguindo os alumnos sobre quanto lhes foi ensinado em relação a subtracção, obterá o professor definições claras e concisas da operação e dos seus elementos. Figurará depois um caso concreto, por exemplo o de um menino que tinha 12 soldadinhos de chumbo dos quaes deu 5 a um amigo ficando portanto com

$$12 - 5 = 7$$

Pedirá que indiquem — minuendo, subtrahendo e resto, com a explicação respectiva. Imaginará, então, que os meninos se malquistaram e que a dadiva foi devolvida, ficando o doador com

$$7 + 5 = 12$$

Mostrará que 12, 5 e 7 na segunda igualdade são os mesmos 12, 5 e 7 da primeira igualdade, visto como representam sempre e respectivamente — a collecção com-

pleta de soldadinhos, os 5 offerecidos como dadiva e os 7 restantes; que 12 é na primeira igualdade o minuendo e na segunda a somma, o total; que 5 é na primeira o subtrahendo e na segunda uma parcella; que 7 é na primeira o resto e na segunda uma parcella. Podemos pois definir, dirá, a subtracção — a operação arithmetica em que são dadas uma somma de duas parcelas e uma dessas parcelas e se procura determinar o valor da outra parcella. A somma dada é o minuendo; a parcella conhecida, o subtrahendo; a parcella que se procura, o resto. Assim, o minuendo é a somma do subtrahendo com o resto.

Firmados estes principios, serão considerados os casos da operação: subtrahir de um numero inteiro qualquer um numero simples; subtrahir de um numero composto outro tambem composto.

A pratica já adquirida pelos alumnos torna o 1º caso facil e rapido; o 2º, cuja regra já foi obtida considerando-se a operação sob o ponto de vista concreto, será agora estudada tomada a questão em abstracto, isto é, attendendo-se apenas ás relações existentes entre minuendo, subtrahendo e resto.

Seja por exemplo o numero 26754 a subtrahir de 85079 ou

$$85079 - 26754$$

Dispostos os dados conforme a regra e pelas razões já conhecidas, o professor fará com os alumnos o seguinte raciocinio baseado em noções já bem firmadas no espirito da classe: O algarismo das unidades do minuendo (aponta) é o algarismo das unidades de uma somma; resultou portanto da somma das unidades das parcelas; e se a somma é 9 e a parcella conhecida é 1, a outra parcella é 8, pois que 8 é o numero que somado a 1 dá 9. O algarismo das dezenas da somma (aponta) resultou da somma das dezenas das parcelas; e se a somma é 7 e a parcella conhecida é 5, a outra parcella é 2, pois que 2 é o numero que somado a 5 dá 7. O algarismo das centenas da somma resultou da somma das centenas das parcelas; ora, a somma não póde ser zero, nada, quando uma das parcelas é 7; e como em somma de duas parcelas nunca se chega sequer a 20 numa ordem, é claro que a verdadeira somma das centenas é 10 com as quaes se formou 1 milhar que se levou á juntar á somma dos

milhares; e se a somma é 10 e a parcella conhecida é 7, a outra parcella é 3, pois que 3 é o numero que sommado a 7 dá 10. O algarismo dos milhares da somma resultou da somma dos milhares das parcelas; ora, só ha 4 milhares na somma, pois que 1 veiu de reserva da ordem das centenas; e como a somma não poderia ser 4 quando uma das parcelas é 6, conclúe-se que a somma dos milhares não está escripta por inteiro, levou reservas para a ordem das dezenas de milhares; essa reserva não poderia formar duas dezenas de milhares porque em somma de duas parcelas nunca se chega a vinte numa ordem; logo, a verdadeira somma dos milhares é 14; e se a somma é 14 e a parcella conhecida é 6, a outra parcella é 8, pois que 8 é o numero que sommado a 6 dá 14. O algarismo das dezenas de milhares da somma resultou da somma das dezenas de milhares das parcelas; ora, a somma é 7, pois já vimos que 1 dezena de milhar veiu como reserva da ordem dos milhares; e se a somma é 7 e a parcella conhecida é 2, a outra parcella é 5, pois 5 é o numero que sommado a 2 dá 7.

Ficam assim determinados os algarismos das differentes ordens do resto, ou, o que é o mesmo, conhecido o valor da parcella procurada.

Applique-se finalmente a regra para ficar provado que o processo, o mecanismo da operação é o mesmo do caso concreto.

MULTIPLICAÇÃO

Analogamente ás duas primeiras operações, procurará o professor obter a definição respectiva, nomes dos dados e do resultado e definição correspondente como applicação desses nomes, casos a considerar, raciocínio para cada um, etc., o que tudo, afinal, se resume em verdadeira recapitulação de conhecimentos já adquiridos.

Como lição nova, terá apenas de chamar a atenção dos volumes para as seguintes minucias:

1º: que o producto é sempre da especie do multiplicando, isto é — que se repetirmos umas tantas vezes estes ou aquelles objectos, só poderemos obter certo numero dos mesmos objectos;

2º: que o producto de um numero composto por um simples não é obtido todo de uma vez: antes, ao contrario, se desdobra

em pequenos productos, que dirá quaes, e que por se não poderem mais desdobrar em outros tomam o nome de *productos elementares*;

3º: que esses productos são sempre e forçosamente tantos quantas fôrem as ordens de unidades do numero composto; que muitas vezes não vêm escriptos por extenso, o que succede quando ha reservas a juntar ao producto seguinte; que entretanto o ultimo, o da ordem mais elevada, vem sempre escripto por inteiro, e é — justo, se não recebeu reservas do producto immediatamente inferior, e augmentado se as recebeu; que nunca póde vir diminuído;

4º: que o producto de um numero composto por outro composto tampouco poderia ser obtido de uma vez; mostrará como elle é uma somma de outros productos (dirá quaes) que se chamam por isso *productos parciaes*; dirá o nome que recebe e porque; fará vêr quantos são forçosamente os productos parciaes a formar; finalmente, como por sua vez estes se desdobram em productos elementares, recapitulando as condições respectivas; e ainda, o que os alumnos já viram explicar, como os differentes productos parciaes só influem no producto total a partir da ordem do multiplicador que lhes deu origem.

Todas as noções acima visam tornar comprehensível, facilimo mesmo, o raciocínio relativo aos differentes casos da divisão.

O. C.

(Continúa)

—): (—

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

5º ANNO

Propriedades dos liquidos

Eis aqui tres frascos, contendo cada um substancia differente.

Este, cujo bojo lembra uma esphera, está cheio d'agua; o cylindro contém leite, e o menor dos tres, tinta.

Vou alterar a ordem em que se acham e, embora sejam elles de vidro fosco, isto é, embora vocês não possam distinguir o seu conteúdo, qualquer, sem a menor hesita-

ção, estou certa, nomeará as tres substancias — a agua, o leite, a tinta — attendendo á ordem, que obedecem, visto já saberem qual o frasco em que cada uma dellas se acha.

Mas, si depois de haver vendado os teus olhos, Paulo, dêsse outra disposição a estes vidros, ser-te-ia possível, ainda, enumerar os corpos nelles contidos, de accordo com este novo arranjo? Exactamente, bastaria tacteal-os, pois cada frasco tem uma fôrma propria.

Procuremos, agora, dividil-os em duas ou mais partes. Vemos que isto nos é inteiramente impossivel; por mais que tentarmos, não o conseguiremos.

Experimentemos dividir outros objectos, outros corpos — esta barra de ferro, esta regua de madeira ou, ainda, este peso de marmore. Esforçamo-nos em vão; nada conseguiremos sem o auxilio de um instrumento.

Mas, porque nos oppõem esses corpos tanta resistencia, quando lhes procuramos alterar a fôrma ou o volume? Ora, já tive occasião de lhes dizer que os corpos não são substancias continuas, mas que, ao contrario, são formados de partes extremamente pequenas, chamadas moléculas, separadas por espaços — póros intermoleculares.

Pois bem, as moléculas de todos estes corpos estão intimamente ligadas umas ás outras, por forças attractivas, chamadas forças de cohesão. Assim sendo, é evidente que, para annullar os efeitos dessa força attractiva, somos obrigados a fazer actuar uma outra maior, em sentido contrario.

Sim, não ha duvida que todos os corpos são constituídos de moléculas e, si estas se unem umas ás outras pela força de cohesão, é claro que a fôrma e volume dos mesmos estão dependentes dessa força. E, assim, poderemos explicar a razão por que nem todos os corpos têm fôrma propria.

De accordo, pois, com essa força intermolecular, podemos dividir todos os corpos em tres grandes grupos: solidos, liquidos e gazosos.

Com effeito, todos os corpos que são dotados de grande cohesão, apresentam constancia de fôrma e volume; todos os que apresentam uma pequena força cohesiva, têm constancia de volume, mas variabilidade de fôrma, e, finalmente, aquelles que são totalmente desprovidos dessa for-

ça, não apresentam fôrma nem volume determinados.

Mas, quererá isso dizer que exista corpo exclusivamente sólido, sempre liquido ou eternamente gazoso? Não, corpos ha que se podem apresentar nos tres estados. Nenhum de vocês ignora que a agua, por exemplo, póde ser encontrada em estado sólido, liquido ou gazoso.

No seu estado natural, é liquida; si, entretanto, a collocarmos sob a influencia de um frio muito intenso, os seus póros se contrahirão e ella se condensará, petrificar-se-á, convertendo-se em gelo, isto é, solidificar-se-á; ou, ainda, si a submettermos á acção do calor, os seus póros se dilatarão, reduzir-se-á a vapor, isto é, tornar-se-á um corpo gazoso.

E, isto, que succede á agua, poderia succeder a todos os corpos, si nos fosse possível produzi um calor ou um frio bastante intensos, para reduzil-os a vapor, pela ebullicão, e depois a solidos, pela congelação, ou si este elevado grão de calor ou de frio não causasse mudança no estado e na constituição intima de muitos desses corpos.

Procuremos, agora, dividir a agua que se acha contida neste fracos.

Reclamará essa operação grande esforço de nossa parte? — Absolutamente nenhum; como vemos, basta inclinarmos brandamente o frasco, e o proprio peso da agua a dividirá.

Tomemos um cópo e enchamol-o d'agua. Que fôrma tem esta? — Perfeitamente, a do copo. Passemos esta mesma agua para uma chicara. Continúa ella a conservar a fôrma que apresentava ainda ha pouco? — Não, esta, conforme verificamos, foi substituida pela da chicara.

Agora, levemos a agua para esta tijela. Notamos que ella toma, immediatamente, a fôrma desta, não mais apparentando a da chicara ou a do copo.

Concluimos, pois, que a agua não tem fôrma propria, toma a do vaso que a contém.

Acabámos de ver que a agua não tem fôrma determinada; e quanto ao volume, succederá o mesmo? Observando attentamente, verificamos que o copo, a chicara e a tijela contém a quantidade d'agua equivalente á meia garrafa. Assim sendo, podemos affirmar que a agua conserva sem-

pre o mesmo volume qualquer que seja o seu continente.

Formemos, com esta regua, um plano inclinado e derramemos sobre elle um pouco d'agua. Notamos que as particulas da mesma, deslocando com immensa facilidade, escorregam e rolam umas sobre as outras.

Mas a que attribuirmos a extrema mobilidade de que são dotadas as moléculas da agua? — Sim, si as suas moléculas se deslocam, si escorregam e rolam com tão grande facilidade é, evidentemente, devido á pouca cohesão existente entre essas particulas.

Fica, assim, bem provado que a força cohesiva existente entre as particulas d'agua é mediocre, razão por que experimentam essas particulas tão grande mobilidade e não tem esse corpo fôrma propria.

(Essas experiencias deverão ser repetidas com o leite, a tinta, o alcool, o vinho, o oleo, o vinagre, etc., etc.) e só então dirá o mestre aos seus discipulos que esses, assim como todos os outros corpos que go-

zam de pouca cohesão, são chamados liquidos.

Em seguida faça como que o proprio alumno estabeleça a differença entre solidos e liquidos.

A definição de "solido" e a de "liquido" não deve ser dada pelo professor, muito ao contrario, deverá ella ser formulada pelo discipulo, de accordo com as observações feitas.)

Despejemos um pouco d'agua num copo: a principio o liquido oscilla, mas, dentro em breve, as diversas particulas em movimento, solicitadas pela força de gravidade, cahem e o liquido entra em repouso, isto é, toma uma superficie plana e horizontal.

Seguremos o copo obliquamente: verificamos que, qualquer que seja a inclinação que lhe damos, a parte superior do liquido, é sempre horizontal.

Depois de varias observações, os alumnos concluirão que a superficie das aguas tranquilladas é sempre horizontal, isto é, perpendicular ao fio a prumo.

E. B.

* * INDICAÇÕES UTEIS * *

MEDICOS

Dr. Octavio Ayres. Cons. S. José, 61—1º andar. Tel. 4625 C. Residencia: Bambina, 14—Tel. 2482, Sul.

Dr. H. Baptista Pereira — Clinica medica e molestias dos olhos. Cons. Rua Gonçalves Dias, 61. Tel. 6132 Central.

ADVOGADOS

Drs. André Faria Pereira, Raul de Faria e

Octavio Tarquinio. — Ouvidor, 90, 1º andar, Tel. 3258 Norte.

Dr. Alfredo Cesario Faria Alvim — Rua 7 de Setembro n. 174.

Dr. Virgilio da Silva Paiva — Becco das Cancellas, 11 — Das 11 ás 12 e das 3 ás 5. Tel. 6599 Norte.

Atelier de Costura de Zulmira Cruz — Rua 7 de Setembro, 174.

Chocolate e café só

ANDALUZA

FABRICA — RUA DOS ANDRADAS, 23 — RIO DE JANEIRO



O que o doente sente com o uso do "ELIXIR DE INHAME"

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar } O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

Depura — Fortalece — Engorda

PALLIDEZ DA FACE

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam as senhoras a palidez da face, tornando as apprehensivas e tristonhas. As **Pilulas Fortificantes** do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. Vendem-se nas pharmacias e drogarias

AGENTES GERAES:

CARLOS CRUZ & C.

1, Rua São Bento, 1

RIO DE JANEIRO



OCULOS e PINCE-NEZ

para qualquer defeito da vista

Apparehos Photographicos e Accessorios.

LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA

RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

A **Dentição das Crianças**



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Criança pois a saúde depende em grande parte do estado da bocca.

Auxílio e Assistência Dentaria Grátis Associação Central Brasileira dos Cirurgiões Dentistas Av. Rio Branco, 142.

S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO		SABINO e COSTA E CUNHA	
Cartilha Nacional	\$500	Expositor da Lingua Materna	1\$000
2º Livro de Leitura	\$800	Segundo Livro	1\$000
3º Livro de Leitura	\$800	FERREIRA DA ROSA	
4º Livro de Leitura	\$800	Methodo de aprender a ler	\$500
THOMAZ GALHARDO		2º Livro de Leitura	1\$500
Cartilha da Infancia	\$600	3º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	1\$500	Excursões escolares	1\$000
3º Livro de Leitura	2\$500	DR. MARIO BULCÃO	
EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO		Vida Infantil 1º Livro	1\$500
1º Livro de Leitura	2\$000	Vida Infantil 2º Livro	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500	Vida Infantil 3º Livro	2\$000
3º Livro de Leitura	3\$000	COLLEÇÃO F. T. D.	
4º Livro de Leitura	3\$500	Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
5º Livro de Leitura	3\$500	Novos Principios de Leitura	1\$000
SERIE PUIGGARI-BARRETO		Guia da Infancia, 1ª parte	2\$000
Cartilha Analitica	1\$500	Guia da Infancia, 2ª parte	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$500	Guia da Infancia, as 2 partes	4\$800
2º Livro de Leitura	3\$000	O 1º livro de André 1ª parte	2\$000
3º Livro de Leitura	3\$000	O 1º livro de André 2ª parte	2\$000
4º Livro de Leitura	3\$500	Compendio de Historia Sagrada	3\$000
ARNALDO BARRETO		Noções de Sciencias	3\$000
Cartilha das Mães	1\$000	Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Primeiras Leituras	2\$000	Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
Leituras Moraes	2\$000	E. DE AMICIS — Coração	2\$000
FRANCISCO VIANNA		AFRANIO PEIXOTO	
Primeiros Passos na Leitura	1\$500	Minha Terra e Minha Gente	2\$500
Cartilha	1\$800	BILAC e NETTO — Conto Patrios	3\$500
Leitura Preparatoria	2\$500	" " Patria Brasileira	3\$500
1º Livro de Leitura	3\$000	" " Theatro Infantil	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000	CORNAZ	
3º Livro de Leitura	3\$000	As creanças e os animaes	1\$500
4º Livro de Leitura	4\$000	Novos Amigos	2\$000
JOÃO KOPKE		CORREIA e BARRETO — Era uma vez	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000	A. M. PINTO — Proverbios populares	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500	BILAC e BOMFIM — Leitura Comple-	4\$000
3º Livro de Leitura	2\$500	mentar.	
4º Livro de Leitura	3\$500	ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000	e Mar	
Leituras Praticas	1\$500	TANCREDO AMARAL	
Fabulas (em verso)	1\$500	Livro das Escolas	3\$000
D. MARIA ROSA RIBEIRO		BARRETO E LAET	
Leitura Intermediaria	2\$000	Anthologia Nacional	5\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500	ENGENIO WERNECK	
Leitura para o 3º anno	2\$500	Anthologia Brasileira	5\$000
Leitura para o 4º anno	3\$000	JOÃO RIBEIRO	
D. RITA DE MACEDO BARRETO		Autores Contemporaneos	3\$000
Leituras Preparatorias	2\$000	Selecta Classica	4\$000
1º Livro de Leitura	2\$000	DUQUE ESTRADA — Thesouro Poetico	3\$500
2º Livro de Leitura	2\$500	B. P. R. — Leitura Manuscripta	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500	A. BALTHAZAR DA SILVEIRA	
4º Livro de Leitura	3\$000	Educação Moral e Civica	2\$500
ABILIO CESAR BORGES		OLAVO BILAC — Poesias Infantis	3\$500
1º Livro de Leitura	\$600	L. FERNDINAND — Lyra das Crianças	2\$000
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000	R. PUIGGARI — Album de Gravuras	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500		
3º Livro de Leitura	2\$500		

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil

Empreza Brasil Editora — Rua Senador Dantas, 105